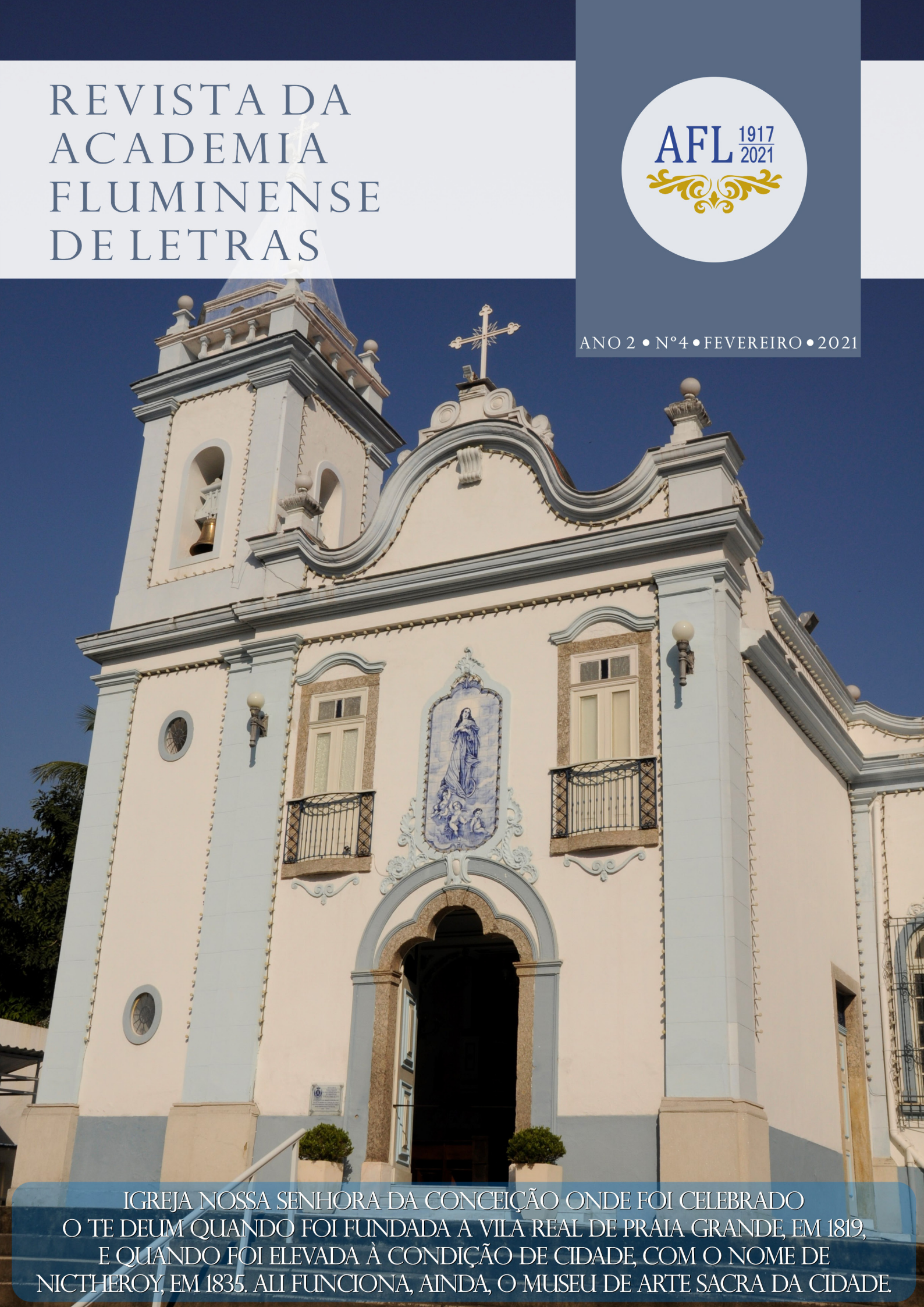
REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

AFL 1917 2021

ANO 2 • Nº4 • FEVEREIRO • 2021



IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO ONDE FOI CELEBRADO O TE DEUM QUANDO FOI FUNDADA A VILA REAL DE PRAIA GRANDE, EM 1819, E QUANDO FOI ELEVADA À CONDIÇÃO DE CIDADE, COM O NOME DE NICTHEROY, EM 1835. ALI FUNCIONA, AINDA, O MUSEU DE ARTE SACRA DA CIDADE.

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Praça da República, nº 7
Centro – Niterói – RJ
CEP 24020-099
site: www.academiafluminensedeletras.com.br
e-mail: academiafluminensedeletras@gmail.com

Diretoria 2019/2020

Presidente: Waldenir de Bragança
Vice-Presidente: Wainer da Silveira e Silva
1ª Secretária: Márcia Maria de Jesus Pessanha
2ª Secretária: Maria do Carmo Soares Cordeiro
1ª Tesoureira: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva
2ª Tesoureira: Alba Helena Corrêa
Diretor de Acervo Documental e Bibliotecas: Eduardo Antônio Klausner

A Revista Fluminense de Letras é publicação oficial da AFL em formato digital, com previsão de quatro edições por ano (além de eventuais edições extras). Ela tem por objetivo divulgar as atividades literárias, artísticas e científicas desenvolvidas pelo corpo acadêmico, além de artigos e trabalhos que contribuam para a difusão das finalidades desta mais que centenária instituição. Todos os textos são apreciados pelos membros do Conselho Editorial antes de sua publicação. As matérias assinadas são de inteira responsabilidade dos autores.

A Academia Fluminense de Letras agradece a todos os(as) acadêmicos(as) que ajudaram e ajudam a manter e divulgar suas finalidades, desde a fundação desta Casa de Amor à Cultura, Guardiã da Memória e da História.

REVISTA DA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS

Diretoria de Redação
Márcia Maria Jesus Pessanha
Waldenir de Bragança

Comissão de Redação
Alba Helena Corrêa
Alcir Vicente Visela Chácar
Célio Erthal Rocha
Cleber Francisco Alves
Eduardo Antonio Klausner
Eneida Fortuna Barros
José Mauro Haddad
Jota Carino
Márcia Maria Jesus Pessanha
Maria do Carmo Soares Cordeiro
Matilde Carone Slaibi Conti
Neide Barros Rego
Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva
Wainer da Silveira e Silva
Waldenir de Bragança

Revisão
Christiane Braga Victer

Projeto Gráfico
Cleide Villela Abib

Foto da Capa
Antônio Machado
Igreja Nossa Senhora da Conceição de Niterói

Créditos Editoriais
Christiane Braga Victer
Cleide Villela Abib

Publicação Ano 2 nº 4 fevereiro 2021

O conteúdo completo da Revista está disponível no site
www.academiafluminensedeletras.com.br/revistafluminensedeletras

Seu conteúdo é de propriedade exclusiva da Academia, não podendo ser reproduzido de nenhuma forma, em parte ou totalmente, sem autorização prévia por escrito da diretoria da instituição. Distribuição gratuita / esta publicação não pode ser vendida ou comercializada

A Revista digital da Academia Fluminense de Letras tem a parceria da Secretaria de Cultura de Niterói, de acordo com o estabelecido no Termo de Fomento celebrado entre as duas instituições.

ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS
ACADEMIA FLUMINENSE
PER ASTRA
22 DE JULHO DE 1917

SUMÁRIO

Unesco Elege 5 de Maio Dia Mundial da Língua Portuguesa *7*
Waldenir de Bragança

Mensagem *8*
Secretário de Cultura de Niterói

Homenagem / Saudades – José Bernardo de Souza *9*

Agradecimentos *10*

MEMÓRIA

Alberto Torres *12*
Comissão de Redação
(colaboração Márcia Pessanha)

Godofredo Tinoco *13*
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

João Brazil *14*
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

José Bonifácio *17*
Sylvio Lago

Olavo Bastos (Relíquias) *18*
Maria do Carmo Soares Cordeiro

Roched Seba *19*
Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

Teixeira e Souza *21*
Comissão de Redação
(colaboração Eneida Fortuna Barros)

Vasconcelos Torres 22
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

Verônica Debellian Accetta *24*
Comissão de Redação
(colaboração Waldenir de Bragança)

Vilmar de Abreu Lassance *26*
Alba Helena Corrêa

TEMPLO DA PALAVRA

A Força da Mulher *29*
Eneida Fortuna Barros

A Grandiosidade do Nosso Idioma *31*
Alba Helena Corrêa

Homenagem à Professora Irma Boschi *32*
Luiz Carlos de Albuquerque Santos

Não Folhas de Outono, mas de Eterna Primavera *33*
Jota Carino

Valorizar Nosso Idioma é Fortalecer a Identidade Nacional *34*
Eneida Fortuna Barros

UBT Nacional *37*

NITERÓI INSPIRAÇÃO POÉTICA

Haicais para Niterói 39
Sandro Rebel

Louvado para o Elos Internacional da Comunidade Lusíada *40*
Maria da Conceição Pires de Mello – Manita

Louvor a Niterói (III) *41*
Alba Helena Corrêa

Niterói *41*
Carlos Tortelly Rodrigues da Costa

Niterói *41*
Lyad de Almeida

Niterói *42*
Renato Lacerda

NITERÓI HISTÓRIA E ATUALIDADE

Cenáculo Fluminense de História e Letras – 97 Anos *44*
Matilde Carone Slaibi Conti

Jubileu de Diamante da Universidade Federal Fluminense / Homenagem ao Reitor Antonio Cláudio Lucas da Nóbrega *45*
Waldenir de Bragança

Nosso Monsenhor Elídio *49*
Erthal Rocha

Saudades do Colégio Brasil *50*
Gracinha Rego

OBRAS DOS ACADÊMICOS

Livros de Poesia – Alba Helena Corrêa *53*
Comissão de Redação

Resenhas – Rogério Reis Devisate *54*
Comissão de Redação

Sylvio Lago – A Territorialidade do Intelectual Compromissado com a Língua, a Literatura e a Cultura *56*
Márcia Maria de Jesus Pessanha

AUTORES DESTE NÚMERO *58*

NOMINATA

Classe de Letras *64*
Classe de Belas Artes *66*
Classe de Ciências *67*
Classe de Ciências Sociais *67*
Membros Honorários *68*

Igreja Nossa Senhora da Conceição de Niterói
Foto: Acadêmico Antônio Machado

UNESCO ELEGE 5 DE MAIO DIA MUNDIAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

WALDENIR DE BRAGANÇA
Presidente da Academina Fluminense de Letras
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29

Vamos celebrar a data histórica. É consagradora, marco de um novo tempo na trajetória de nosso idioma: pela primeira vez um idioma não oficial na Organização das Nações Unidas / ONU é celebrado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura / UNESCO, dando-lhe justa relevância mundial.

Nosso idioma é pioneiro, através dos séculos, na aproximação entre os continentes, a partir das Grandes Navegações Portuguesas. Os povos falantes do Português somam cerca de 300 milhões, presentes em todos os continentes; 9 países o têm como idioma oficial – além do Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste. É a 3ª língua mais falada no Hemisfério Ocidental, a maior no Hemisfério Sul e a 5ª mais falada no mundo (em face do crescimento populacional, chegará em breve a ser a 4ª).

A UNESCO, para dar-lhe relevância, promoveu pela primeira vez a celebração em 2020, coordenando a partir de sua sede, em Paris, expressivo encontro telepresencial de personalidades do mundo lusófono, autoridades e lideranças mundiais. O Secretário-Geral da ONU Antonio Guterres, Chefes de Estado e de Governo, líderes da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), organizações da sociedade civil e representantes de vários setores enviaram mensagens demonstrando solidariedade com os povos lusófonos.

A Academia Fluminense de Letras, que é a Academia Oficial de Letras do Estado do Rio de Janeiro, programou evento telepresencial comemorativo para o próximo dia 5 de maio, entre as 15h e as 17h (horário de Brasília), através do aplicativo Zoom, congregando várias entidades culturais nacionais e internacionais que têm entre seus objetivos a valorização da Língua Portuguesa. O encontro será transmitido ao vivo pelo YouTube, recebendo ampla projeção e divulgação, inclusive junto ao Congresso Nacional.

É importante ressaltar que o Secretário Executivo da CPLP, Francisco Ribeiro Telles, conclama a necessidade de um amplo e global desenvolvimento de esforços para que A LÍNGUA PORTUGUESA SE TORNE LÍNGUA DE TRABALHO DAS NAÇÕES UNIDAS.

Vamos juntos mais efervescer este objetivo. Nesse sentido, a AFL já iniciou contatos para

ações conjuntas, a fim de que a celebração do DIA 5 DE MAIO DE 2021 alcance o maior número de parceiros com objetivos em comum, como as Academias de Letras dos Estados do Brasil e dos países lusófonos, o Elos Internacional da Comunidade Lusíada, o Instituto Interamericano de Fomento à Educação e Cultura, embaixadas dos países lusófonos, o Conselho de Reitores das Universidades do Brasil (CRUB), a Academia Luso-Brasileira de Letras, o Real Gabinete Português de Leitura, a Academia Brasileira Rotária de Letras, a Associação Brasileira de Escritores, o Cenáculo Fluminense de História e Letras, a Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro.

A Academia Fluminense de Letras espera e confia que cada um dos seus membros integre a grande comissão promotora e estimuladora desse evento internacional, fazendo os contatos e buscando adesões, a fim de que a iniciativa seja coroada de êxito.

MENSAGEM DO SECRETÁRIO MUNICIPAL DAS CULTURAS DE NITERÓI

LEONARDO GIORDANO
Secretário Municipal das Culturas de Niterói

Como Secretário Municipal das Culturas de Niterói, é uma honra e uma alegria me dirigir aos leitores desta prestigiosa publicação da Academia Fluminense de Letras (AFL). Redundante, mas sempre oportuno, afirmar o papel protagonista desta instituição cultural centenária no panorama da história e da cultura do nosso estado e do país.

Em 2021, a AFL completará 104 anos de dedicação ininterrupta na preservação do que existe de mais importante na literatura niteroiense e fluminense. Seja contribuindo para a valorização de nossos escritores e escritoras, na edição de livros e periódicos, na promoção de encontros, seminários e conferências, e principalmente na promoção da literatura, do livro e da leitura, esta Academia nos ilumina, em especial neste momento em que mais do que nunca precisamos defender e valorizar a ciência, a inteligência, o estudo e o conhecimento.

A pandemia do novo coronavírus nos colocou diante de desafios sem precedentes na história da humanidade. Dentre eles, a sobrevivência do setor artístico e cultural, em suas diversas cadeias produtivas, dentre as quais se inscrevem as economias do livro e da literatura. Será preciso enfrentar este desafio em nossa cidade, com a construção de políticas públicas que protejam e estimulem nossas editoras, escritores e escritoras, eventos literários, livrarias e bibliotecas.

Me apoiarei decisivamente nos confrades e confreiras da Academia Fluminense de Letras, que com sua existência e resiliência, nos inspiram a seguir promovendo a nossa cultura e nosso patrimônio cultural material e imaterial. 2021 será o ano da retomada econômica do setor cultural, e da consolidação da cultura como um direito de todos os cidadãos e cidadãs de Niterói. E queremos que a cultura tenha um papel fundamental neste reencontro da cidade consigo mesma. Vida longa à AFL!

Palácio e Museu do Ingá (Palácio Nilo Peçanha)
Foto: Magno Mesquita e Thiago Côrtes
Fonte: Niterói Patrimônio Cultural - Niterói Livros

HOMENAGEM SAUDADES

JOSÉ BERNARDO DE SOUZA 1935-2020

Acadêmico Fundador da Cadeira nº 2 Classe de Belas Artes

Deixa profundas saudades nosso confrade Maestro José Bernardo de Souza, regente de bandas, mestre de músicos, que nasceu em Serra Branca, na Paraíba, e veio brilhar em Niterói, onde fundou e dirigiu várias bandas, preparando gerações de músicos.

Formado em Música no Corpo de Fuzileiros Navais, em Conhecimentos Musicais pelo Instituto Villa-Lobos e em Regência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor de Educação Musical no Colégio são Vicente de Paula e da Escola Técnica Henrique Lage, cuja banda musical dirigiu de 1981 a 2005, o Maestro Bernardo deixou ainda marcas profundas na Banda Musical Santa Cecília, da Prefeitura Municipal de Niterói (que fundou em 1984 e regeu até 2015) e na Banda Musical Souza Marques (que fundou e regeu de 1976 a 2016).

Presidiu a Federação das Bandas de Música Civis do Rio de Janeiro por várias décadas. Foi, ainda, coordenador musical do projeto "A Banda na Praça", da Prefeitura Municipal de Niterói; maestro da Sociedade Musical e Dramática de Rio Bonito/RJ; coordenador do projeto "A Banda vai as Escolas", da Secretaria Estadual de Educação; membro da Comissão do Centenário do Maestro Heitor Villa Lobos, pela Prefeitura Municipal de Niterói; jurado no Festival da Canção em Rio Bonito/RJ; membro do Conselho Municipal de Cultura de Niterói.

Gravou em CDs: *A Festa do Divino de Angra dos Reis* e uma apresentação musical no Teatro da Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói.

Entre as diversas homenagens, diplomas e troféus recebidos, foi agraciado com o título de Cidadão Honorário de Niterói, o troféu do Lions Clube (por serviços prestados à comunidade) e o título de Honra do Mérito Arariboia (grau de comendador).

Em 2019 foi publicada sua biografia, *José Bernardo de Souza: Uma história de vida conduzida pela música*, de Nelly Therezinha. Na obra a autora narra o caminho percorrido pelo menino simples do sertão nordestino em busca de um futuro melhor, através do talento revelado desde cedo.

Discípulo e amigo do também saudoso Mestre Affonso Gonçalves Reis, seu Patrono na Cadeira nº 2 da Classe de Belas Artes, o nosso Maestro José Bernardo a ele se juntou na imortalidade acadêmica no último dia 16 de janeiro.

Inesquecíveis permanecerão a voz suave e o sorriso gentil do mestre que formou gerações de músicos fluminenses, promovendo e estimulando a educação artística e o movimento cultural no Estado do Rio de Janeiro.

Maestro José Bernardo de Souza regendo a Banda de Música da Fundação Souza Marques, em comemoração do 96º Aniversário da Academia Fluminense de Letras. O concerto foi realizado no Campo São Bento, Icaraí - Niterói.

AGRADECIMENTOS

A Comissão de Redação da Revista da Academia Fluminense de Letras agradece à DB Editora, na pessoa de sua diretora comercial Franciane Barbosa, por autorizar o uso de imagens do livro *Niterói em Fatos e Fotos*, coletânea de fotos de autoria do fotógrafo Antonio Schumacher retratando os principais pontos histórico-culturais de Niterói.

Da mesma forma, agradece pela especial colaboração de:

- Acadêmica Eneida Fortuna Barros (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 44 da Classe de Letras, Teixeira e Souza;
- Acadêmica Márcia Maria de Jesus Pessanha (Classe de Letras), no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 3 da Classe de Letras, Alberto Torres;
- Acadêmico Antônio Machado (Classe de Belas Artes), cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar mais este número de nossa Revista;
- Fotógrafo Antonio Schumacher, cedendo fotos de sua autoria para abrilhantar mais este número de nossa Revista;
- Professora Angelina Accetta, no artigo sobre a memória da Acadêmica Fundadora da Cadeira nº 8 da Classe de Belas Artes, Verônica Debellian Accetta;
- Professora Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento, no artigo sobre a memória do Patrono da Cadeira nº 9 da Classe de Ciências Sociais, João Brazil.

MEMÓRIA

ALBERTO TORRES
1865-1917

Patrono da Cadeira nº 3
Classe de Letras

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras
Comissão de Redação

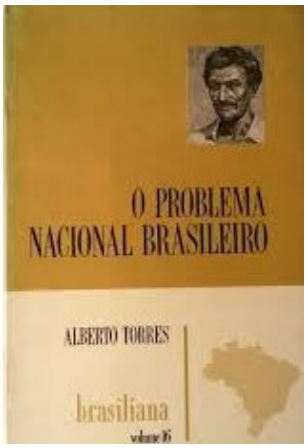
Alberto de Seixas Martins Torres nasceu no dia 26 de novembro de 1865, na fazenda da Conceição, em Porto das Caixas, município de Itaboraí. Filho do magistrado e Senador da República Dr. Manuel Martins Torres e de Dona Carlota de Seixas Torres, desde cedo apresentou traços de acentuada inteligência.

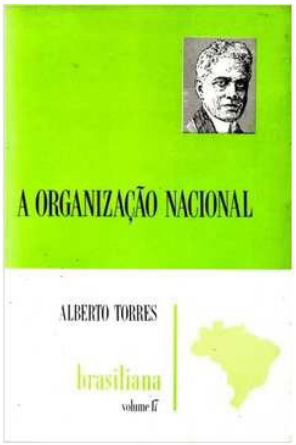
Sua carreira ascensional começou aos 11 anos de idade, ao proferir discurso homenageando o Visconde do Rio Branco. Aos 14 anos matriculou-se na Escola de Medicina, com licença obtida por decreto do Governo do Império. Sem concluir o curso, aos 16 anos foi para São Paulo e ingressou na Faculdade de Direito. Aos 20 anos, liderou campanhas, como defensor da Abolição e da Proclamação da República.

Fundou, com outros companheiros, o Centro Abolicionista de São Paulo e os jornais republicanos *Ça Ira* e *A Tarde*. Transferiu-se para a Escola de Recife, concluindo seu curso, em 1886, aos 21 anos. Vindo para o Rio de Janeiro, começou a advogar e se alistou nas campanhas abolicionista e republicana. Na imprensa e na tribuna exercia sua militância. Na *Revista Moderna*, de Luís Murat, escrevia *Notas Políticas*. Também colaborou na *Semana* e na *Gazeta da Tarde*; no *Correio do Povo*, na coluna republicana da *Gazeta de Notícias*, além de outros jornais. Em 1889, fundou o Clube Republicano de Niterói, passando a realizar conferências e a organizar o partido pelo interior da Província.

Eleito deputado federal na 1ª legislatura constitucional republicana, aos 29 anos foi Ministro da Justiça, no Governo de Prudente de Morais. De 1º de janeiro de 1898 a 31 de dezembro de 1900, exerceu o cargo de Presidente do Estado do Rio de Janeiro. Em seu governo, reformou a instrução pública e difundiu a instrução primária. Aos 35 anos, em 1900, por seus méritos, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal pelo Presidente Campos Sales. Foram reconhecidas suas qualidades como político, administrador e, também, como jurista, o homem de lei, o homem de pensamento.

Aposentou-se em 1909 e ingressou no Instituto Histórico, em 1911, disposto a fundar uma associação destinada a fazer o estudo dos problemas gerais e permanentes da nação e da sociedade brasileira. Não conseguiu realizar tal intento junto ao Instituto Histórico e continuou





sua pesquisa e estudos por conta própria, daí resultando duas obras: *O Problema Nacional Brasileiro e a Organização Nacional*. Em 1913 publicou *Le Problème Mondial*, e em 1915, *As fontes de vida no Brasil* e o artigo *A Defesa Nacional e o serviço militar obrigatório*, publicado no *Estado de São Paulo*. Foi também poeta, conforme registro de A. Saboia Lima, autora do livro *Alberto Torres e a sua obra*, em que se destaca o poema *A última bênção*. Além das obras citadas, há outras que também revelam seu alto saber, cultura, sólida erudição e expressam sua preocupação no aproveitamento das forças vivas nacionais.

Em 29 de março de 1917, no Rio de Janeiro, Alberto Torres se "encantou" e o jornal *O Paiz* noticiou sua morte, tecendo elogiosos comentários à sua ilustre figura.

A Academia Fluminense de Letras o

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

homenageou como Patrono da Cadeira nº 6 da Classe de Letras, que teve como fundador Carlos Maul, como segundo ocupante Luiz Magalhães e hoje tem como titular o Acadêmico José Raymundo Martins Romêo.

Referências:

ALBERTO Torres. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2021. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Alberto_Torres>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Niterói/RJ: Gráfica Editora La Cava Santos, 1975.

GÓMEZ, Modesto Brocos. **Retrato de Alberto Torres**. 1900. Óleo sobre tela, 65,5 × 55 cm. Coleção Museu de História e Artes do Estado do Rio de Janeiro.
Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/42/Alberto_torres.jpg>. Acesso em: 10 jan. 2021.

LAGO, Laurenio. **Supremo Tribunal de Justiça e Supremo Tribunal Federal**: dados biográficos 1828-2001. 3. ed. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2001. p. 227-229. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/ministro/verMinistro.asp?periodo=stf&id=193>. Acesso em: Acesso em: 10 jan. 2021.

GODOFREDO NASCENTES TINOCO
1897-1983

2º Ocupante da Cadeira nº 38
Patrono Saldanha da Gama
Classe de Letras

WALDENIR DE BRAGANÇA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras
Comissão de Redação

Advogado, jornalista, professor, congressista, conferencista, escritor e teatrólogo, Godofredo Nascentes Tinoco nasceu no Distrito de Imboassica, Macaé / RJ, em 15 de agosto de 1897, filho de Benedito César Tinoco e Maria Nascentes Tinoco.

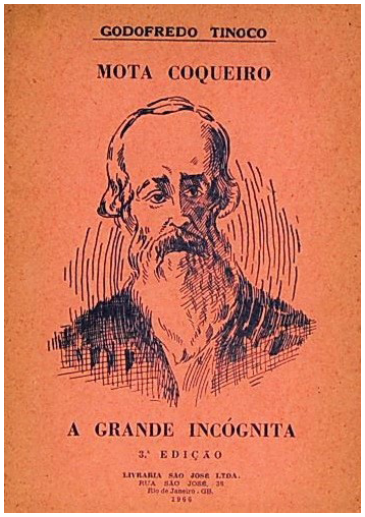
Mudou-se aos dois anos para Campos dos Goytacazes, onde fez o curso primário. No Rio de Janeiro fez os cursos secundário e superior, diplomando-se em 1918 pela Faculdade Livre de Direito.

Foi voluntário na 1ª Guerra Mundial, ainda em 1918; delegado regional da polícia fluminense (1922), presidente da Junta de Conciliação e Julgamento do Município de Campos (1937). Foi o primeiro diretor da Faculdade de Direito de Campos.

Ajudou a fundar várias instituições culturais, entre elas a Escola de Direito Clóvis Bevilacqua, a Faculdade de Filosofia de Campos, a Associação de Imprensa Campista (tendo sido relator dos seus primeiros estatutos e presidente), e a Academia Campista de Letras, onde ocupou vários cargos de diretoria, inclusive assumindo a segunda presidência, em 1944.

Foi, ainda, Presidente do Instituto Histórico Fluminense e Presidente de Honra da Academia Macaense de Letras; integrou a Academia Friburguense de Letras e a Agrupacion Literária de Autores Nuevos de Barcelona (Espanha), e foi homenageado com títulos honorários pelos Institutos Históricos da Bahia e de Minas Gerais.

Autor de dezenas de trabalhos literários, didáticos, biográficos e históricos, publicou livros nas áreas de Direito, Política, Literatura, Viagens, História, Teatro e Cinema, sob o próprio nome e também usando pseudônimos como "Um Goitacá", "João do Sul", "Carlos D'Arce", "Mary" e "Antigo".



Entre suas dezenas de obras encontramos: *Mota Coqueiro – A Grande Incógnita; Imprensa Fluminense; Grandeza*

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

e Miséria da Imprensa Campista; Dicionário Biobibliográfico; Benta Pereira; A Vida Amorosa de Luiz Philippe de Saldanha da Gama; Depois do Equador; Macaé; O Teatro em Campos – 1735-1963; Rodrigues Peixoto – O Homem e a Obra; Boneca; Nilo, o redivivo. Entre suas peças teatrais se destacam: *Judas no Tribunal; Meio Dia Constante; O Suplício de Karil Chesmann*.

Atuante em vários níveis da vida intelectual campista, Godofredo Tinoco dedicou boa parte de seus escritos à história da cidade e à biografia dos seus grandes vultos. Seu acervo pessoal – livros, artigos, documentos, cartas, fotos, recortes de jornais – está hoje preservado na Casa de Cultura Villa Maria, filiada à Universidade Estadual Norte Fluminense, servindo de preciosa fonte para estudantes e pesquisadores.

Casado com Mary Nascentes Tinoco em 1922, teve quatro filhas: Gabriela, Norma, Conceição e Margô. Morreu em Campos, em 23 de abril de 1983.

Godofredo Tinoco foi o segundo ocupante da Cadeira nº 38 da Classe de Letras da AFL, patronímica de Saldanha da Gama, sucedendo ao Acadêmico Fundador Lacerda Nogueira e sendo sucedido por Airton Pinto Ribeiro, Alberto Valle e Luiz Carlos de Albuquerque Santos – atual Acadêmico Titular.

Referências:

AUTORES CAMPISTAS. Blog literário, 2012. **Godofredo Nascentes Tinoco**. Disponível em: <http://autorescampistas.blogspot.com/2012/05/godofredo-nascentes-tinoco-nasceu-em.html>. Acesso em: 7 jan. 2021.

DIRETÓRIO BRASIL DE ARQUIVOS / DIBRARQ. Plataforma do Arquivo Nacional. **Tinoco, Godofredo Nascentes**. Disponível em: <http://dibrarq.arquivonacional.gov.br/index.php/tinoco-godofredo-nascentes-1897-1983>. Acesso em: 7 jan. 2021.

GODOFREDO Nascentes Tinoco. Imagem. *In*: **Autores Campistas**, 1973. p&b. Disponível em: < http://autorescampistas.blogspot.com/2012/05/godofredo-nascentes-tinoco-nasceu-em.html>. Acesso em: 7 jan. 2021.

NOITE do Escritor Campista, 1973.

PACHECO, Igor; FELIPE, Taiany; e PESSANHA, Luiza. **Casa de Cultura Villa Maria**: resgate, difusão, apropriação e preservação. Artigo apresentado ao XVI ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, realizado de 1 a 3 de agosto de 2019 em Salvador, Bahia. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111820.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2021.

UENF. Sítio da Casa de Cultura Villa Maria. **Acervo Godofredo Tinoco**. Disponível em: <https://villamaria.uenf.br/informacoest/>. Acesso em: 7 jan. 2021.

JOÃO BRAZIL
1874-1940

Patrono da Cadeira nº 9
Classe de Ciências Sociais

WALDENIR DE BRAGANÇA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras
Comissão de Redação

João Pereira da Silva nasceu em 12 de fevereiro de 1874, em Nova Friburgo/RJ, filho da ex-escrava Clara Maria do Nascimento e de Desidério de Oliveira. Começou a trabalhar ainda bem jovem, como caixeiro, em Macuco, localidade próxima. Aos 15 anos, tendo concluído o curso primário, já dava aulas particulares; logo fundaria sua primeira escola, na Fazenda Maravilha.

Em 1893 foi lecionar na fazenda Providência, em São Francisco de Paula. No ano seguinte tornou-se professor público em Lumiar, município de Nova Friburgo.

Casou-se em 1900 com Magnólia Brazil, que lhe daria os filhos Zoraida, Rubens, Ilka, Ruth, Zélia, Zuleika e João Brazil Júnior. Com a ajuda da companheira de vida e de ideais fundou, em 12 de outubro de 1902, em Estrada Nova, município de Itaocara, o inesquecível Colégio Brasil, cujas primeiras carteiras foram feitas amorosamente pelas mãos do próprio mestre.

Posteriormente o colégio mudou-se para Palmital, ainda em Itaocara e, em 1909, para Cordeiro. Por essa época o professor, para evitar confusão com um homônimo, adotou o nome João Brazil – que se transformaria praticamente em um sinônimo da nobre profissão no território

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

Pavilhão Principal do Colégio Brasil.
Fonte: Família Brasil / CDP – Centro de Documentação e Pesquisa de Niterói.

fluminense.

Em 1914 o Colégio Brasil veio instalar-se em Niterói, em uma chácara na Rua Noronha Torrezão; nove anos depois se transferiu, finalmente, para o antigo palacete do Barão de Icaraí, no Fonseca (cedido pelo então prefeito Cantidiano Rosa) onde permaneceria por mais de seis décadas.

Na sua imensa disposição de contribuir para a Educação, o Professor João Brazil chegou a fundar outro estabelecimento de ensino, o Colégio Guanabara, em 1931, com Álvaro Moutinho Neiva; colaborou ainda, intensamente, para a criação de vários outros. Ativo na comunidade, integrou o grupo responsável pela reorganização do Conservatório de Música de Niterói (1932) e a comissão que reformou a Igreja de São Lourenço (1933). Foi um dos fundadores da Rádio Clube Fluminense (1935). Candidatou-se a vereador nas eleições de 1936, sem sucesso.

Após toda uma vida dedicada à missão de educador, faleceu em Niterói, no dia 6 de maio de 1940. A esposa, Professora Magnólia Brazil, suas filhas e genros deram continuidade à sua obra, mantendo o Colégio Brasil em funcionamento por mais quase quarenta anos, até 1988, quando o estabelecimento encerrou suas atividades.

O nome do grande fluminense foi homenageado na Avenida Professor João Brasil, inaugurada em 1954, e na Escola Municipal João Brazil (1977). Ele é patrono de escolas, ruas, bibliotecas e grêmios literários em vários municípios do Estado do Rio de Janeiro, além da Academia Itaocarense de Letras (Cadeira 21) e da nossa AFL, onde é Patrono da Cadeira nº 9 da Classe de Ciências Sociais, que tem como titular o Acadêmico Clélio Erthal.

A Professora Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento nos forneceu emocionado depoimento a respeito do seu imortal avô:

> O dia 12 de outubro é uma data muito especial para os descendentes do Professor João Brazil. Esse foi o dia escolhido pelo, então, jovem Professor João Brazil e sua esposa, Magnólia, para a fundação do que viria a ser o Colégio Brasil, em uma pequena sala da Fazenda Paciência, em Estrada Nova, município de Itaocara. Apesar de extinto, em 1988, essa é uma data muito esperada pelos ex-alunos que a celebram, a cada ano, com uma missa festiva e um almoço de confraternização. (...)
>
> No interior do Estado do Rio de Janeiro foi plantada a semente vigorosa de uma vida que

merece ser contada e recontada, especialmente no Brasil de hoje. O caminho escolhido tem sua razão de ser: manter vivo o nome do Professor João Brazil e valorizar a razão de sua vida: a Educação. De pequena, aprendi a respeitar e honrar o nome de meu avô, o que não foi difícil graças à forte voz do sangue, ao ambiente em que cresci e ao exemplo dado por meus pais. Meu avô, um negro, filho de escrava liberta, estudou sozinho nos livros dos filhos do fazendeiro em cuja propriedade sua mãe, Siá Clara, era lavadeira. Ele não só aprendeu as letras: observador, inteligente e aplicado, transformou-se em um dos maiores e respeitados educadores brasileiros.

Ao longo de décadas, foram muitos os ex-alunos que veneraram seu nome e agradeceram-lhe os ensinamentos que não se encerravam nos limites de uma sala de aula: eram lições de vida. No Colégio Brasil foram educadas várias gerações de brasileiros e, muitas das histórias que coleciono, eu ouvi de antigos alunos que me abraçam, emocionados, quando sabem de quem sou neta. Uma fração muito bonita dessas histórias se encerra nos inúmeros Colégios, em Niterói e no Estado do Rio de Janeiro, fundados por ex-alunos do Professor João Brazil. Recordo alguns, como o Colégio Bittencourt Silva, o Colégio Modelo, de Friburgo, que recentemente completou 100 anos, o Colégio Bittencourt, de Campos, o Colégio Nilo Peçanha, o Colégio Floriano Peixoto e devo dizer "entre outros" porque a memória me trai quando mais preciso dela. Alguns deles já fecharam, por motivos vários, mas, a seu tempo, prestaram bons serviços à Educação. O centro de referência é sempre o mesmo: o Professor João Brazil. Em sua Escola aprendia-se o respeito ao outro, o amor aos estudos, à Pátria e à cultura. Desenvolviam-se, como em uma grande família, os alunos e alunas confiados ao professor negro, que, nos primeiros quarenta anos do Século XX, tinha o nome respeitado e repetido no Estado do Rio de Janeiro por ser um grande Educador. (...)

Uma vez falecido o grande professor, sua obra seguiu viva, pois suas filhas e dois de seus genros se encarregaram de dar-lhe continuidade. E o fizeram de maneira a honrar a memória de seu criador. (...)

Há histórias de vida que merecem ser contadas de geração em geração como a do Professor João Brazil. Ela tem, internalizadas, tradição, memória, cultura, matéria prima do trabalho daquele ser único: o Professor, personagem fundamental da dura e bela missão de formar cidadãos. E mais não digo porque a vista vai ficando nublada e a emoção vai tomando conta de mim. Permitam-me apenas dizer: Viva a Educação! Viva o Professor João Brazil!

Emblema do Colégio Brasil. Fonte: Família Brasil / CDP – Centro de Documentação e Pesquisa de Niterói.

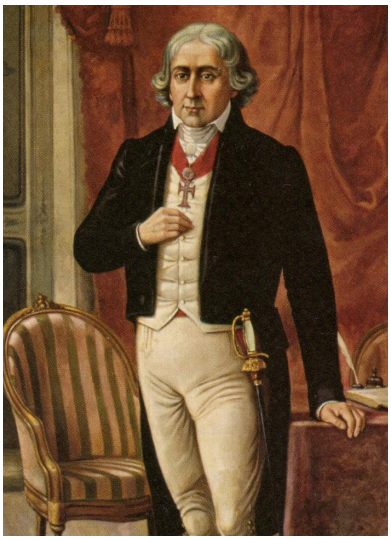
No colégio do Professor João Brazil iniciei a desenvolver o espírito cívico e associativo, na Associação Cultural Colégio Brasil, onde pela primeira vez falei em público – no dia 21 de abril de 1948, sobre "Tiradentes, o Protomártir da Independência" – e comecei a escrever, no jornal *O Discípulo*, generosamente estimulado, como ocorreu com muitos colegas na preparação para a cidadania plena.

Inúmeras personalidades fluminenses, dos mundos político, cultural, literário, frequentaram os bancos da instituição que era mais do que um antigo prédio; ela se tornou um estado de espírito para todos nós. Para dar substância a esse estado de espírito é que foi fundada a Liga de Ex-Alunos, hoje Associação dos Ex-Alunos do Colégio Brasil, da qual sou membro, assim como outros confrades e confreiras da AFL – incluindo nosso Decano, o Acadêmico Sávio Soares de Sousa.

Eis aí o justo testemunho da meritória missão de um verdadeiro professor, substância viva preservada nas gerações que o sucedem, como na frase de Henry Brooks Adams: "Um professor sempre afeta a eternidade. Ele nunca saberá onde sua influência termina."

Referências:

Família Brasil
JOÃO Brazil.1 fotografia. Acervo: Família Brazil / CDP – Centro de Documentação e Pesquisa de Niterói. Disponível em: <https://simsaogoncalo.com.br/educacao/o-brasil-de-joao/>. Acesso em: 10 fev. 2021.
NITERÓI ANTIGO. Perfil no Facebook. **Quem foi João Brazil**. Disponível em: <https://www.facebook.com/NiteroiAntigo/photos/quem-foi-jo%C3%A3o-brasiljo%C3%A3o-brazil-como-era-conhecido-jo%C3%A3o-pereira-da-silva-foi-cai/348987395221253/>. Acesso em: 9 jan. 2021.
WÖLBERT, Alex. **O Brasil de João**. Portal Sim São Gonçalo. Disponível em: <https://simsaogoncalo.com.br/educacao/o-brasil-de-joao/>. Acesso em: 9 jan. 2021.
SILVA, Salvado; Mata e; DIEGUES, Penha Maria Machado; MACHADO, Neuza Feijó. **Escolas municipais de Niterói e seus patronos 1959-2008**. Niterói: Unicop, 2012. 172p.



JOSÉ BONIFÁCIO
1765-1838

Patrono da Cadeira nº 10
Classe de Ciências Sociais

SYLVIO LAGO JR.*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 10
Classe de Ciências Sociais

José Bonifácio de Andrada e Silva nasceu em Santos em 13 de junho de 1765 e morreu em Niterói, em 6 de abril de 1838.

Foi designado Ínclito Patriarca da Independência do Brasil, respeitado homem de letras, jurista, com sólida cultura econômica e escritor dos mais notáveis nos temas da política e do conhecimento científico, como mineralogista de renome universal.

Para muitos, até hoje, é considerado o maior estadista que o Brasil produziu.

Ficou conhecido como Patrono da Ciência Química e dos cientistas políticos do Brasil, com livros publicados sobre a formação dos minerais e textos sobre a modernização das técnicas agrícolas.

Notáveis foram as suas convicções como opositor do regime da escravidão, incentivador da criação de escolas de ensino técnico, defensor do estudo das culturas indígenas e um dos primeiros a cogitar sobre a transferência da Capital do Brasil.

Foi ferrenho inimigo das queimadas e da destruição das florestas, além de preconizar as vantagens da mobilidade social.

Sua poesia teve como inspiração e linguagem temas que celebravam a liberdade, a execração da tirania, sentimentos de amor à natureza e à Pátria, com numerosos poemas exaltando o lirismo amoroso.

Dedicatória, dos Poemas Avulsos, é considerada uma obra vazada em ideias e sentimentos que prenunciam o romantismo, sendo possível considerá-lo um poeta da transição entre o Arcadismo e o Romantismo.

Sua formação cultural greco-latina o fez um intelectual admirado, além de ser um espírito predisposto a várias aberturas nos campos das inovações institucionais e políticas e atuar como um estadista em períodos importantes da nossa História.

Foi sepultado na Igreja do Carmo, Rio de Janeiro e, depois, seus restos mortais trasladados para Santos, sua cidade natal.

Referências:
CALIXTO, Benedito. José Bonifácio de Andrada e Silva. 1902. Óleo sobre tela, 140 × 100 cm. Acervo Fundo Museu Paulista. Disponível em: < https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/66/Calixt33.jpg>. Acesso em: 10 jan. 2021.

Igreja de São Domingos, C. 1895
Dedicada a São Domingos de Gusmão, procedente da antiga capela erguida em 1652 na fazenda de açúcar de Domingos Araújo e Violante Soares de Souza (descendente de Arariboia), nela foi realizado em 1838 o velório de José Bonifácio.
Fonte: Coleção Roberto Predroso, Rio de Janeiro

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

OLAVO BASTOS
1891-1926

Acadêmico Fundador
da Cadeira nº 8
Patrono B. Lopes
Classe de Letras

MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 9
Classe de Letras

Relíquias

Não sei quando chegou, muito menos quando partiu. Mas sei que sem fazer alarde, acompanhado do violão, foi se aninhando junto ao grupo que à noitinha se reunia dia após dia nos fundos da quitanda do Seu Joaquim; quitanda que oferecia às donas de casa rio-bonitenses legumes e verduras da melhor qualidade e que ficava quase em frente à casa do respeitadíssimo, queridíssimo na cidade, o poeta Hélio Nogueira – um ícone.

Mas não é no poeta nem na quitanda que quero neste momento me deter. Não. É sobre aquela figura esguia, magra, solitária, simples, de maneiras finas e de certo modo elegante, que, ali, depois que as verduras e legumes haviam sido vendidos, toda noite, junto ao grupo e em frente a garrafas de bebidas alcoólicas encontrava o prazer de viver, novamente. E entre risos e "causos" tão naturais em cidades do interior, os que pela calçada àquela hora passavam, paravam para ouvir, saídos das cordas bem dedilhadas do inseparável violão os sons mais agradáveis que nossos ouvidos já escutaram. Até hoje ainda ecoa em mim lá no interior do meu coração a maviosidade produzida e exalada. Festa diária.

Quando a madrugada chegava partiam todos rumo às suas casas, aos seus lares, melhor lembrando, lares nem sempre sólidos. Isto tudo lá pelos anos oitenta. Doce figura esta a quem me refiro e teço homenagem. Seu nome: Silveirinha.

Mais adiante a ele retornarei porque agora preciso me voltar – atendendo a uma intensa curiosidade intelectual –, a outra figura que desperta em mim a sensação de que possuía hábitos parecidos com os de Silveirinha. Embora, deste, nunca li nem ouvi dizerem que dedilhava canções ao violão, mas é certo que se pesquisarmos um pouco encontraremos sim, menções à boemia, à poesia, ao seu talento, à sua elegância. Refiro-me neste caso ao jornalista, escritor e poeta Olavo Bastos que, acredito, não andou por Rio Bonito, porém não se afastava de Niterói, onde nasceu em 1891, especialmente das rodas literárias e da famosíssima roda boêmia do Café Paris.

Olavo Bastos estava entre os que participaram da fundação da Academia Fluminense de Letras em 1917. Candidatando-se a ela, ocupou a Cadeira 9 da Classe de Letras, a mesma que ora represento.

Como podemos sentir, estas duas figuras que menciono tinham algo em comum, entretanto, peço licença ao leitor para apresentá-lo a Silveirinha, melhor dizendo: Adílio Silveira de Aquino, arranjador, compositor, instrumentista nascido em Bom Jesus de Itabapoana em 23 de abril de 1930. Silveirinha morou na cidade do Rio de Janeiro, em Niterói e em Rio Bonito. Ao lado de Sérgio Mendes, Tião Neto e Márcio Proença, se apresentava. Parceiro de Dalto Medeiros, Chiquinho Aguiar, Nelson Panicalli. Dados estes, confesso, fornecidos pelo Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. O fato é que tanto Silveirinha quanto Olavo Bastos produziram usando do incrível talento e extraordinária inspiração de que eram dotados.

Na oração proferida pelo acadêmico Lyad de Almeida por ocasião da solenidade comemorativa do Cinquentenário de Fundação da Academia Fluminense de Letras lê-se que "a missão da Academia na vida moderna é ensinar a crer. A crer no primado do espírito sobre a matéria".

Falecendo Olavo Bastos em 1926 e Silveirinha no ano de 1999 ambos não estão mais fisicamente entre nós, embora estejam presentes nas obras que realizaram; e são, os dois, sem sombra de dúvida, verdadeiras relíquias que devemos guardar pela contribuição que legaram às Letras e às Artes em terra fluminense.

* biografia dos autores nas págs. 58-62

ROCHED SEBA
1917-1988

Patrono da Cadeira nº 11
Classe de Ciências

CRESUS VINICIUS DEPES DE GOUVÊA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 11
Classe de Ciências

Roched Abib Seba nasceu em Pratápolis, Minas Gerais, em 10 de abril de 1917. Viveu sua infância e adolescência em Uberlândia, onde concluiu o ensino médio no Ginásio Mineiro. Em 1937 ingressou na Faculdade Fluminense de Medicina, em Niterói e no ano seguinte passou a exercer o cargo de auxiliar acadêmico, como técnico de laboratório no Hospital da Polícia Militar. Cursando Medicina, dava aulas particulares de Física, Química e Matemática.

Em 1939 ingressou no Instituto Vital Brazil como auxiliar-acadêmico, sendo promovido à Chefia da Secção de Química em 1944. Aprovado em concurso público, trabalhou no Instituto Oswaldo Cruz como analista químico. Assumindo a Chefia da Seção de Química do IVB, desligou-se do Instituto Oswaldo Cruz. Nutria muito afeto pelo Doutor Vital Brazil, que lhe conferiu a Direção Industrial de seu Instituto em 1947, em 1948 a Assessoria Científica e em 1949 a Direção Científica, da qual só se afastou quando faleceu, em Niterói, no dia 2 de fevereiro de 1988.

Foi membro de importantes instituições para o desenvolvimento científico do país: Associação Médica Fluminense; Associação Médica Brasileira; Sociedade Brasileira de Microbiologia; Sociedade de Anestesiologistas do Estado da Guanabara; Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro; Comissão Científica da AMF; Sociedade Brasileira de Metodologia. Foi Acadêmico Fundador da Academia Fluminense de Medicina (hoje ACAMERJ), ocupando a Cadeira nº 50.

Produziu vários trabalhos científicos, pesquisas, ensaios, produções, muitos deles apresentados no Brasil e no exterior. Participou de congressos, seminários, jornadas científicas, como palestrante, relator, coordenador, debatedor, vice-presidente, presidente ou presidente de honra, de 1948 até 1986, em âmbito nacional e internacional. Destacam-se em sua trajetória médica seus ensaios e a produção da **Vacina Bivalente contra a Meningite Tipo A e C**, a primeira produzida no mundo, sendo o único tipo de vacina capaz de superar o problema da meningite no Brasil.

Na área acadêmica, também teve uma brilhante carreira: professor do Curso de Pós-Graduação de Técnicas Biofarmacêuticas; professor titular de Bioquímica e de Fisiologia do Instituto Biomédico da Universidade Federal Fluminense; professor titular de Farmacologia e de Fisiologia da Faculdade de Medicina de Valença e professor titular de Farmacologia da Faculdade de Medicina de Teresópolis.

Ocupou vários cargos importantes, além dos já citados, entre eles: membro da Comissão Técnica de Revisão de várias edições da Farmacopeia Brasileira; diretor do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina e Farmácia, participando na revisão dos "Ensaios Biológicos, Hormônios e Vitaminas"; coordenador dos "Estudos sobre Epidemiologia e Natureza Infectocontagiosa do Pênfigo Foliáceo", junto com Professor Alcides da Silva Jardim, no Hospital Mato-Grossense do Pênfigo, em Campo Grande, Mato Grosso e no Hospital do Pênfigo de Goiânia; fisiologista do Laboratório Central de Drogas e Medicamentos do Ministério da Saúde; assessor científico da Cadeira de Câmbio Exterior do Banco do Brasil S/A – CACEX, para assuntos de Importação e Exportação de substâncias medicamentosas para a Indústria Farmacêutica; membro do Grupo Executivo da Indústria Químico-Farmacêutica / GEIFAR; diretor-geral da Faculdade de Medicina de Valença, reconhecida pelo MEC, durante sua gestão; coordenador do Projeto Rondon no Estado do Rio de Janeiro; membro da Comissão Interministerial do Programa Nacional de Imunização; presidente da Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro – ACAMERJ, eleito em 1980.

** biografia dos autores nas págs. 58-62*

Acima: Emblema da ACAMERJ - Academia de Medicina do Estado do Rio de Janeiro
Abaixo: Instituto Vital Brasil

Recebeu o Diploma de Outorga da Medalha do Instituto Butantan; o de Grão-Mestre da Ordem do Mérito de Arariboia, que lhe conferiu o grau de Comendador; o título de Médico do Ano de 1985, pela Associação Médica Fluminense e Diploma de Acadêmico Emérito da ACAMERJ, entre outros. O Professor Roched Abib Seba foi homenageado e condecorado por várias instituições e autoridades de renome, que reconheceram o grande cientista e docente que era.

Referências:

ROCHED Abib Seba. 1 fotografia. **UNIFESO** Centro Universitário Serra dos Órgãos. Disponível em: < https://www.unifeso.edu.br/noticia.php?n=2017-marca-centenario-do-professor-roched-abib-seba >. Acesso em: 7 jan. 2021.

SEBA, José Bullos; SEBA, Márius. Cadeira nº 63 - Acad. Roched Abib Seba. [200-?]. **ACAMERJ**. Disponível em: http://acamerj.org/index.php?caminho=academico.php&id=345. Acesso em: 7 jan. 2021.

TEIXEIRA E SOUZA
1812-1861

Patrono da Cadeira nº 44
Classe de Letras

ENEIDA FORTUNA BARROS*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras

Antônio Gonçalves Teixeira e Souza nasceu em Cabo Frio/RJ, em 28 de março de 1812. Poeta, romancista, dramaturgo e tradutor, destacou-se, antes mesmo de ser publicada *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manoel de Macedo, como o "criador do romance popular brasileiro". Ao delinear, em folhetins, os primeiros contornos do gênero no país, passou a ser lido, nos rodapés de periódicos de nome (*Jornal do Commercio, Marmota Fluminense, O Guanabara*), com vivo interesse pelo público, já acostumado com as traduções do romance-folhetim europeu.

Suas obras traziam os fundamentos da chamada "cor local", em que retratava, como pano de fundo das narrativas, a natureza, os costumes nacionais (inclusive traços do caráter escravista de nossa sociedade) e a história do país. *O filho do pescador*, o primeiro romance, chegou a ter três edições. Foi lançado em volume (1843, 1. ed.) pela tipografia de Francisco de Paula Brito – seu protetor e amigo, com quem trabalhou como tipógrafo, logo após o imediato êxito junto aos leitores de *O Brasil*, jornal impresso ali mesmo.

Filho de pai português e mãe afrodescendente, Teixeira e Souza iniciou-se no ofício de carpinteiro, em Cabo Frio, por questões financeiras, embora aos dez anos tivesse tido até aulas de latim. Mudou-se para o Rio de Janeiro (1840), onde passou a escrever. Mais tarde, chegou a ocupar os cargos de professor público de Instrução Primária e de escrivão da Primeira Vara do Juízo do Comércio da Corte, nomeado pelo Imperador.

Escreveu mais cinco romances, após o de estreia: *As fatalidades de dois jovens* (1846); *Tardes de um pintor* ou *As intrigas de um jesuíta* (1847); *Gonzaga* ou *A conjuração de Tiradentes* (1848-1851); *Maria* ou *A menina roubada* (1852-1853); A Providência (1854).

Deixou, em seu acervo bibliográfico, poesias, peças para o teatro e obras diversas: artigos, letras de modinhas e até um "livro de sortes".

No poema *Um não sei quê*, publicado em A marmota (29-12-1847), tenta explicar o seu amor por Lília, como em uma estrofe do Cântico IV:

O sereno olhar de Lília
Não sei por que me quebranta,
Lília tem, volvendo os olhos,
Um não sei quê, que me encanta.

Teixeira e Souza faleceu em 1º de dezembro

Busto de Teixeira e Souza confeccionado pelo acadêmico Rudnei Queiroz da Academia Cabo-friense de Letras
Fonte: cronicascaricas.com

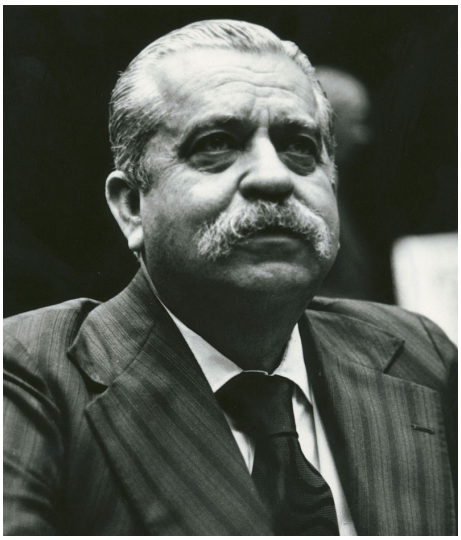
* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

de 1861. Cabo Frio o tem homenageado, sempre em março, mês de seu aniversário de nascimento, com palestras, números musicais, gincana de artes plásticas, exposição de peça teatral e feira de livros, em extensa programação de tempo integral, por uma semana. Aos 200 (duzentos) anos de Teixeira e Souza, foi impresso também um selo comemorativo da data: 1812-2012.

Referências:

ANTONIO Gonsalves Teixeira e Sousa. 1 ilustração. p&b. A independência do Brasil - Poema Epico em XII Cantos dedicado, offerecido e consagrado A Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II e offerecido às augustas, viuva e filhas do Heroe do Poema por seu auctor. PRIMEIRA EDIÇÃO. Tomo I - Typ. Imparcial de Francisco de Paula Brito. Rio de Janeiro, 1847 e Tomo II - Emp. Typ. dous de Dezembro de P. Brito. Impressor da Casa Imperial. Rio de Janeiro, 1855

BARROS, Albertina Fortuna. **Patronos da Academia Fluminense de Letras**. Niterói: La Cava Santos, 1975.



VASCONCELOS TORRES 1920-1982

2º Ocupante da Cadeira nº 16
Patrono Euclides Cunha
Classe de Letras

WALDENIR DE BRAGANÇA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras
Comissão de Redação

Advogado, sociólogo e político, João Batista de Vasconcelos Torres nasceu em Campos dos Goytacazes/RJ em 2 de abril de 1920, filho de Rosalvo Martins Torres e Zélia Vasconcelos Rosa Torres.

Bacharelou-se em 1944 pela Faculdade de Direito de Niterói, onde já se destacava como líder estudantil. Foi professor de Sociologia da Escola de Estado-Maior do Exército e oficial do Gabinete Civil do Interventor do Estado do Rio de Janeiro Amaral Peixoto.

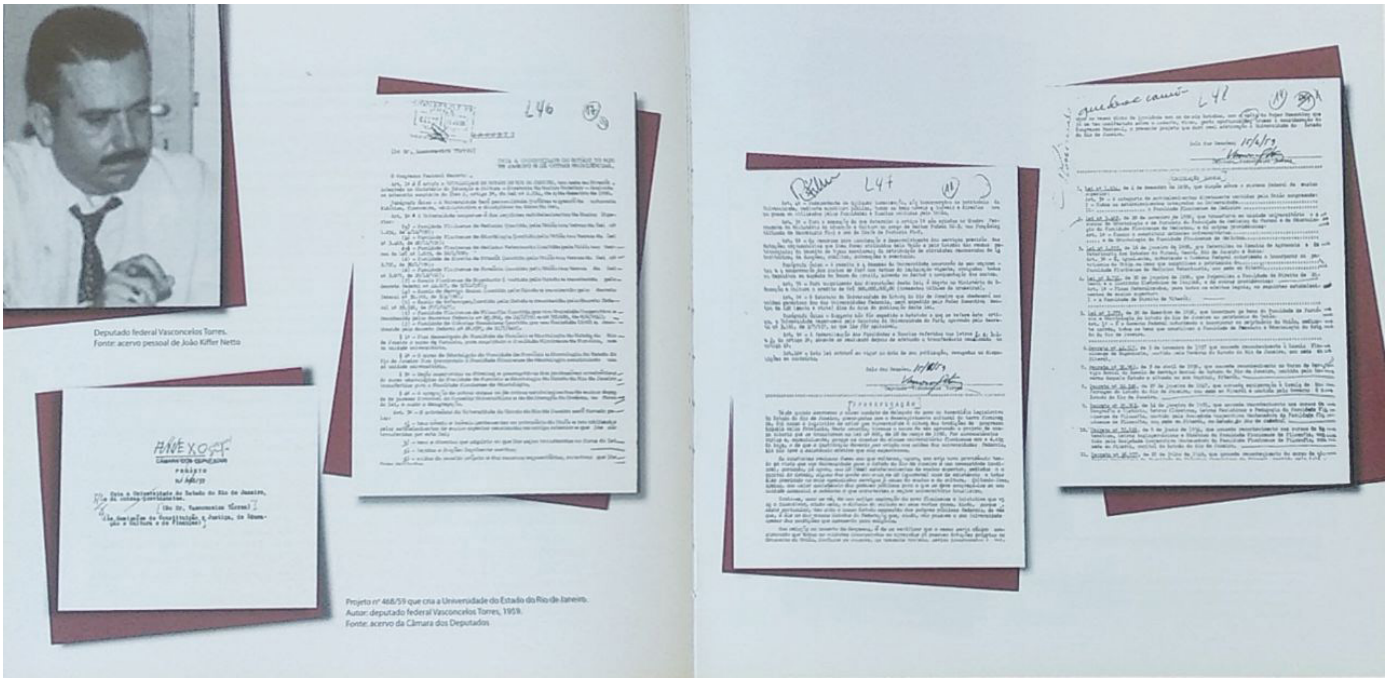
Iniciou a carreira política como deputado estadual de 1946 a 1959; elegeu-se deputado federal em seguida. Em 1963 foi eleito senador, função que exerceu até 1978.

Cognominado "Senador do Povo", Vasconcelos Torres buscou atender questões locais, reivindicações dos eleitores, de movimentos sindicais e de prefeitos; grandes temas como o desenvolvimento do Estado do Rio, a agroindústria do açúcar, o êxodo rural, e a industrialização da Baixada Fluminense; e, ainda, questões de relevância nacional, como as indústrias automobilística e petrolífera, e a soberania do país. Em seus 16 anos de senador, apresentou 2.260 proposições e projetos.

Foi autor da Lei nº 3.848/1960, assinada pelo presidente Juscelino Kubitscheck, que criou a Universidade Federal Fluminense; posteriormente, prestou inestimável apoio, obtendo, em março de 1964, do presidente João Goulart, despacho autorizando a formação do seu Quadro de Servidores, desta forma proporcionando a imprescindível estrutura funcional à universidade onde havia se formado.

Na ocasião, tive a honra de fazer chegar ao Senador Vasconcelos Torres o processo de criação do quadro pessoal, como integrante do recém-criado Conselho Universitário. Lembro-me que viajamos de ônibus por toda a noite, um grupo de representantes da universidade (professores e funcionários, inclusive Violeta Campofiorito Saldanha da Gama, saudosa diretora da Escola de Serviço Social) para chegar de manhã a Bom Jesus do Itabapoana, no norte fluminense, onde falariam o Senador Vasconcelos Torres e o Presidente João Goulart. Aproximei-me do palanque onde os dois se encontravam; o senador me viu e pediu que os soldados da segurança me deixassem passar. Subindo ao palanque, entreguei-lhe os documentos, explicando do que se tratava – Vasconcelos Torres imediatamente levou o processo ao presidente, pedindo sua aprovação. João Goulart acedeu e assinou o documento, encaminhando-o com pedido de urgência ao DASP (Departamento de Administração do Serviço Público).

** biografia dos autores nas págs. 58-62*



Escreveu vários livros, entre ensaios de Sociologia, coletâneas de discursos e obras sobre temas relevantes da economia fluminense e nacional, como: *A Mobilidade Rural Brasileira* (1950)*; Oliveira Viana, Sua Vida e Sua Posição nos Estudos de Sociologia* (1956)*; Movimentos Migratórios das Populações Rurais Brasileiras* (1957)*; Mar Territorial e Marinha de Guerra* (1970)*; Aviação, Presença Antiga no Processo de Integração Nacional* (1971)*; Cana-de-Açúcar, Sabor Amargo de uma Cultura Perseguida* (1976)*; Compromisso de Riachuelo* (1974)*; Condições de Vida do Trabalhador da Agroindústria do Açúcar* (1945)*; A Europa Curvou-se ante o Brasil* (1974)*; Automóveis de Ouro para um Povo Descalço* (1977)*; Metalúrgico, Calor e Suor na Luta pela Sobrevivência* (1978).

Vasconcelos Torres faleceu em 25 de setembro de 1982, no Rio de Janeiro. Era casado com Carlota de Vasconcelos Torres, com quem teve quatro filhos.

O corpo discente da UFF lhe conferiu o título de Pai da Universidade, vinculando seu nome ao da instituição pelos tempos infinitos – homenagem que se encontra gravada na lápide de seu túmulo.

A Academia Fluminense de Letras comemorou seu centenário em 2020, ressaltando sua importante contribuição cultural, em especial através da atuação parlamentar. O Senado Federal celebrou a data lançando a biografia *Vasconcelos Torres – O senador do povo e os desafios de seu tempo*, de Andréa Telo da Corte e Ismenia de Lima Martins.

Os que tiveram o privilégio de o conhecer guardam na memória o jeito simples, o carisma e a simpatia do político que sempre fez questão de cumprimentar sem distinção humildes e elevados – e lutou com fervor em defesa dos interesses de sua terra.

Acima: Reprodução do Projeto nº 468/59
Fonte: 50 anos da Universidade Federal Fluminense - 1960-2010
Abaixo: Homenagem a Vasconcelos Torres
Fonte: Unitevê - TV Universitária da UFF

Referências:

BATISTA de Vasconcelos Torres. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2006. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Batista_de_Vasconcelos_Torres >. Acesso em: 7 jan. 2021.

SENADO Federal. S**enado lança livro sobre o ex-senador Vasconcelos Torres pelo seu centenário**. 08 dez. 2020. Agência Senado. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/12/08/senado-lanca-livro-sobre-o-ex-senador-vasconcelos-torres-pelo-seu-centenario. Acesso em: 7 jan. 2021.

_____. **Vasconcelos Torres senador**. 1 fotografia. p&b. Agência Senado. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/senadothecommons/15224144237/in/album-72157647838073938/>. Acesso em: 7 jan. 2021.

VERÔNICA DEBELLIAN ACCETTA
1946-2015

Acadêmica Fundadora
da Cadeira nº 8
Patrono Leopoldo Fróes
Classe de Belas Artes

WALDENIR DE BRAGANÇA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 29
Classe de Letras
Comissão de Redação

Verônica Accetta nasceu em São Paulo/SP, em 8 de dezembro de 1946, mas viveu em Niterói quase toda a sua vida, dedicada à Arte e à Cultura. Graduou-se em Piano, Teoria Musical e Harmonia e Morfologia pelo Conservatório Brasileiro de Música, e em Turismo pela Associação Educacional Plínio Leite, obteve o mestrado em Ciências da Arte pela Universidade Federal Fluminense. Cursou, ainda, História da Arte e História da Música na Escola de Belas Artes em Nápoles, Itália; Musicoterapia no Conservatório Brasileiro de Música; Técnicas de Pintura com o Professor Wim L. van Dijk e História da Arte com o professor Eduardo D'Acunzo.

Artista plástica por excelência, mas jamais se limitando ao exercício individual, abraçou o propósito de transmitir seu vasto manancial de conhecimentos. Lecionou História das Ideias, História das Culturas e Apreciação Estética na Faculdade de Turismo da Universidade Plínio Leite; criou o curso de Turismo na Universidade Federal Fluminense.

Na Praça da República, em Niterói, fundou e dirigiu o Centro de Arte e Cultura Parthenon, onde ensinava Pintura e Desenho, e a agência Parthenon de Turismo e Viagens Culturais, através da qual, transcendendo fronteiras e barreiras, coordenava passeios para vários países, incentivando o turismo cultural em parceria com consulados e instituições educacionais. Promoveu exposições, incentivando artistas e fomentando o intercâmbio cultural. Organizou eventos de Turismo, Educação e Arte, em parceria com instituições nacionais e internacionais.

Foi diretora do Teatro Municipal de Niterói, onde organizou belíssimas apresentações de artistas brasileiros e estrangeiros. Coordenou o Projeto Arariboia, à semelhança do Projeto Rondon, visando integrar os alunos universitários à vida da comunidade niteroiense, colaborando com a administração pública municipal.

A Professora Angelina Accetta nos fala em amoroso depoimento sobre a vocação que guiou toda a trajetória de sua mãe para múltiplas atividades artísticas e de intercâmbio cultural:

> Na família, arte e cultura eram constantes e o aprendizado de música e de pintura ocorreu naturalmente. Iniciou seus estudos de piano desde cinco anos e aos nove anos a pintura seria a sua companheira inseparável. (...) Com o estímulo do avô armênio a aquarela era o seu brinquedo, junto às histórias contadas por ele cujas imagens mostravam cenas pintadas em diferentes livros, em variados idiomas e culturas, o que a fez amar os livros, a leitura e a partilha dos mesmos.
>
> Seus olhos verdes, ávidos por descobertas, se fixavam na dinâmica pictórica aliada à poética gestual e visual que resultaram nas referências imagéticas que perpassaram toda a sua vida. A história armênia, pintada e contada por seu avô, virou símbolo de sua luta contra o genocídio, contra o holocausto, contra a discriminação e intolerância. Verônica carregava consigo a tristeza de seus antepassados, mas também a alegria na consagração ao reunir pessoas para falar de vida, de amor e de esperança, por meio de sabores e saberes. Como intelectual, dissertava sobre qualquer assunto com propriedade, em várias línguas, pois dominava oito idiomas. Como chef de gastronomia, o sabor de seus pratos se transformava na arte da comunhão de saberes e sentimentos. Como escritora, suas palavras expressavam a sua força em sintaxes rítmicas, com sensibilidade e leveza poética. Verônica dominava as linguagens da arte que se entrelaçavam de forma sutil e nos fazia perceber a amplitude da arte em sensações de vida. Nos mostrava que todos nós estamos enraizados na teia da vida e que tal tessitura se

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

faz na escuta, no olhar, no saber, no sabor, no fruir, no compartilhar, no apreciar, no agradecer, no acariciar cuja mediação era acompanhada por doces palavras. Nos demostrava com carinho a importância da preservação da natureza por sua paixão pelas flores, pelos animais, pela terra, pelo vento, pela chuva, pelo fogo da lareira e do fogão à lenha. Nos chamava a atenção quanto ao arbusto entre as frestas do concreto que teimava em nascer, como metáfora da perseverança e resiliência. Segundo Verônica "os mais fortes vencem e seguem em seus diários confrontos, batalhas a superar para crescer" (2011).

Motivo de alegria e comemoração acontecia ao ver brotar cada flor, cada orquídea em seu jardim no Sítio em Itaboraí. Registrou-as por meio de sua arte e seu perfume está impresso na tela. A observação da natureza e seus ciclos alimentava o seu imaginário e sua alma em novos textos significativos de sua existência. O mar era o seu encanto. O mesmo mar que trouxe seus antepassados ao Brasil fez sentido em suas telas como fonte de vida. Desfrutava das águas de Icaraí, no "seu canto" perto das pedras, ao amanhecer do dia. Ondas, pedras, mastros, tons, elementos que lançaram a base estética da eterna marinhista desde quando conheceu o mar de Icaraí. (...)

Com várias premiações, promoveu exposições, aproximou culturas, incentivou artistas, agregou poetas, lançou livros, fomentou o conhecimento, inspirou pessoas por meio de sua coluna semanal no Jornal, em programas de rádio, na tv, ao vivo, em aulas ao ar livre em diferentes lugares do mundo, muito além das fronteiras do Brasil (...)

Buscava identificar ideias, imagens e mitos vindos da ancestralidade que se sobrepunham ao que tradicionalmente deveria pintar. Mestre em Ciência da Arte pela UFF, enfatizou a sua pesquisa em suportes e materiais variados para expressar a sua marca, a sua identidade e a sua trajetória de vida. Manchas, nuances, esfumaçados, ao ar livre, eram pontes entre o seu interior e a natureza. A pesquisa constante e o estudo da história da arte foram exercitados nas atividades ligadas ao magistério, como professora de História das Ideias, História das Culturas, além de Apreciação Estética nas Faculdade de Turismo da UFF e UNIPLI. A formação humana por meio da arte era o seu foco e o seu objetivo era reeducar a sensibilidade e o olhar de seus alunos para as possibilidades de apreensão da vida. Muitas fases se sucederam entre cores, texturas, planos, ângulos, tons ressoando o passado, reafirmando o presente e deixando o legado de luz e de amor para o futuro. Quanto à paixão que nos move e nos impulsiona à vida, Verônica falava: "Mas o amor não está na origem de toda criação?"

Verônica Accetta teve suas obras exibidas em diversas exposições em museus e centros culturais brasileiros e estrangeiros, entre eles, o Museu Antonio Parreiras (Niterói), o Consulado Geral da Federação da Rússia (Rio de Janeiro), a Galeria Opera House (Cairo, Egito), o Centro Cultural de Havana Velha (Havana, Cuba), o Centro Cultural da Faculdade da Cidade (Rio de Janeiro), a Galeria de Arte Maria Augusta (Rio de Janeiro), a Galeria Parthenon (Rio de Janeiro), a Galeria El Greco (Rio de Janeiro), o Iate Clube do Rio de Janeiro. Reproduções de seus trabalhos ilustram livros e publicações.

Através do seu Centro de Arte e Cultura Parthenon, organizou antologias literárias em prosa e verso. Publicou *Cor e Sabor das Palavras*, em 2013, pelo Grupo Editorial Parthenon. Foi homenageada com a Medalha do Mérito Tiradentes (Alerj), a Medalha do Mérito Cultural José Geraldo Bezerra de Menezes (Secretaria de Cultura de Niterói), a Medalha do Mérito Martim Afonso de Souza (Prefeitura Municipal de Niterói), a Comenda da Ordem e Mérito de Belas Artes da Academia de Belas Artes e o Título de Cidadã Niteroiense (Câmara Municipal).

Casada com Domenico Accetta, mãe de Angelina, José Luiz e Cristina, Verônica faleceu no dia 8 de maio de 2015, deixando nossa Niterói um pouco menos colorida pela perda de suas tintas e pincéis – mas enriquecida por todos os discípulos a quem transmitiu um pouco de seu conhecimento e de sua arte.

Theatro Municipal de Niterói / Teatro João Caetano
Foto: Antonio Schumacher
Fonte: Niterói em fatos e fotos

VILMAR DE ABREU LASSANCE 1915-2009

2º Ocupante da Cadeira nº 13 Patrono Casimiro de Abreu Classe de Letras

ALBA HELENA CORRÊA*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras

Vilmar de Abreu Lassance nasceu em 24 de agosto de 1915, em Niterói, RJ. Foi o segundo dos oito filhos do Desembargador Achilles Carreira Lassance e de Magnólia de Abreu Lassance. Em 1921, seu pai foi nomeado promotor em Carmo, onde a família passou a residir. Nessa cidade permaneceu até os 12 anos, quando voltou a Niterói. Ingressou no Colégio Brasil, na 3ª série primária, onde estudou até o exame de admissão, ocupando sempre o 1º lugar no quadro de honra do colégio.

Em 1931, foi transferido para o Liceu Nilo Peçanha (a escola teve vários nomes e, em 1931, foi reinaugurada com o nome do ex-presidente da República). Fez parte da 1ª turma formada naquela instituição. Ingressou na Faculdade Fluminense de Direito, em 1934, cursando até o 3º ano quando, por questões financeiras, trancou matrícula, indo trabalhar no Moinho Inglês como office-boy. Somente em 1952, retornou à faculdade, concluindo o curso de Direito em 1954, já casado com a Sra. Ernestina Charlier Lassance, sua musa inspiradora, que faleceu em 2000. Adotaram uma filha – Dulcemar Lassance, que lhes deu dois netos: Bianca e Bruno. Vilmar faleceu aos 94 anos, em 5 de julho de 2009, em Niterói.

Além de notável escritor, foi professor, advogado, funcionário público, artista plástico (desenhava, pintava com perfeição, criava ilustrações, etc.). Foi aluno do grande aquarelista Armando Leite. Vilmar nasceu um artista completo: também tocava piano, magistralmente, sem haver frequentado qualquer escola de música. Trabalhou como funcionário do Ministério da Saúde (RJ). Nessa ocasião, houve um fato importante que passo a relatar. Ele sempre escreveu poesias, sem preocupação, entretanto, de publicá-las. Costumava guardá-las no local de trabalho. Em 1962, teve toda a sua produção poética perdida, queimada durante um incêndio que destruiu completamente o edifício onde trabalhava. Graças à sua prodigiosa memória, conseguiu, aos poucos, recompor o seu trabalho. Foi, então, convidado pelo poeta Lyad de Almeida a participar da coletânea 37 *Poetas Fluminenses*, editada em 1963.

Diante do exposto, já se pode aquilatar o infinito potencial de Vilmar de Abreu Lassance. Digo, com o maior orgulho: tive o prazer e a honra de conhecer Vilmar e o privilégio de tê-lo como amigo. Durante alguns anos, fomos vizinhos na Rua Belisário Augusto, em Icaraí. Recordo, com saudade, das tardes em que o visitei para lhe mostrar os meus sonetos de principiante. Ele foi um incentivador dos meus trabalhos. Lia-os com sua linda voz, melodiosa, um pouco grave, e fazia todas as observações pertinentes, mas sem poupar elogios... Imaginem a minha alegria: ser apreciada pelo grande poeta VILMAR DE ABREU LASSANCE!

Comecei a escrever trovas aos 64 anos de idade. Depois, passei aos cordéis e, finalmente, me apaixonei pelos sonetos. Nossos gostos eram iguais. Nossa identificação era perfeita. Ele também amava os sonetos alexandrinos. Nossos encontros pareciam recitais – ambos declamávamos nossos sonetos. Havia um piano na sala. Eu sempre lhe pedia para tocar uma música do seu vasto repertório e ele, com o maior prazer, me atendia. Às vezes, também, cantava e eu o seguia na cantoria. Fomos companheiros de viagem num passeio de navio, promovido pelo Instituto Abel de Niterói e, no salão de festas, ele se apresentou e foi, calorosamente, aplaudido pelos assistentes.

Foi premiado em inúmeros concursos poéticos. Não haveria espaço para a citação de

* biografia dos autores nas págs. 58-62

todos. Registro, aqui, dois deles. Em 1964, foi o autor da capa de um livreto que reuniu as trovas do 1º Jogos Florais de Niterói – intitulado *100 Trovas Sobre o MAR* – onde desenhou a Pedra de Itapuca e o mar de Icaraí. Nesse concurso ele obteve Menção Honrosa. Em 1966, foi o vencedor do concurso Niterói em Trovas, com esta joia literária que se tornou célebre entre os trovadores. Vejam essas duas maravilhas:

Em paradoxos te esmeras,
mar que crias, que destróis!
Verde berço de quimeras...
Negro túmulo de heróis.

A igreja de São Lourenço,
que o tempo jamais destrói
é o marco cheirando a incenso
onde nasceu Niterói.

Dr. Waldenir Bragança, na época prefeito de Niterói, mandou gravar, em placa de bronze, a trova que canta a fundação da nossa cidade e colocá-la aos pés da Igreja de São Lourenço dos Índios. Infelizmente, a placa foi destruída por vândalos.

Inauguração de placa na Igreja São Lourenço

Ainda em 1966, Vilmar obteve o 1º lugar no concurso de poesia da primeira Semana de Icaraí, com o belíssimo soneto *Festival de Cores*. Escreveu alguns livros:

Caleidoscópio (1968) – Trabalho altamente criativo com a colaboração de 14 autores (vários sonetos feitos, cada um, em parceria, por dois sonetistas). Anotavam-se todas as rimas – o 1º vate escrevia o verso inicial, dobrando depois o papel, de forma que o seguinte não pudesse ler o que já fora escrito. O 2º acrescentava outro verso, ocultando-o. Comparo esse procedimento com um quadro pintado por dois cegos. Quando o soneto era lido, integralmente, vinha a surpresa: estava coerente, obedecendo à mesma temática, num milagre de sensibilidade. Defino-o como: a unidade na pluralidade... No final, espécie de apoteose, compuseram um soneto com a participação dos 14 (cada qual escreveu um verso). Desse perfeito entrosamento nasceu o soneto *Alma que tive e partiu*.

Momentos Poesias (1986) – Coletânea de primorosos sonetos, poemas e trovas, finalizando com uma Coroa de Sonetos.

Invocações a Deus (1970) – Reunião dos textos com que, mensalmente, dava início às reuniões do Lions Clube de Niterói, do qual foi um dos fundadores, em 1968. Exerceu o cargo de vice-presidente, presidente e diretor. Participou de inúmeras Antologias.

Tomou posse em 27 de novembro de 1967 na Academia Fluminense de Letras, onde atuou durante 42 anos (até 2009). Seu discurso de posse, publicado pela Revista XIII da AFL, atesta sua soberba inspiração. Foi composto com 354 versos, onde expressou o júbilo por ingressar na Academia e exaltou o perfil do 1º ocupante da Cadeira nº 13, Altino Pires, a quem sucedia.

Em 2008, Vilmar concedeu-me a honra de prefaciar meu livro – *Sonetos Prateados e Dourados* – e de ofertar, a mim e a meu marido Eraldo Corrêa, esse belíssimo soneto com o qual encerro meu texto:

CINQUENTA ANOS DE VENTURA

Dez lustros se passaram desde o dia
em que Alba Helena e Eraldo, em comunhão,
resolveram em plácida harmonia,
fazer de dois, somente um coração.

E, ante os homens e Deus, acontecia
no casamento, a concretização
de um grande sonho que, entre os dois havia
que era fazer completa essa união.

Cinquenta anos após, em São Lourenço,
voltam à Igreja onde o amor imenso
fora, em lua de mel, de mil lembranças.

E, terminada a missa, o capelão
entrega-lhes, após uma oração
um belo par de novas alianças!

Referência:
INAUGURAÇÃO de placa na Igreja São Lourenço. 1 fotografia. p&b. 1965. Coleção particular Waldenir de Bragança.

TEMPLO DA PALAVRA

A FORÇA DA MULHER

ENEIDA FORTUNA BARROS*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras

Após o conturbado 2020, venho, hoje, 4 de março de 2021, discorrer sobre a mulher, nesse início do Ano acadêmico, para uma avaliação das conquistas e necessidades femininas.

Inicialmente, devo lembrar o transcurso do Dia Internacional da Mulher, a ser comemorado no próximo dia 08 (oito), que vem reviver e parabenizar as valorosas mulheres que souberam e sabem conquistar seu espaço público, trilhando a difícil senda de conceitos e preconceitos, vigentes, entre nós, por muito tempo, na evolução étnica e social do país.

Paulo Prado, escritor paulista de participação fundamental na Semana de Arte Moderna de 1922, em seu polêmico livro intitulado *Retrato do Brasil* (1928), com o subtítulo de "ensaio sobre a tristeza brasileira", estuda, no que chama de "fenômeno androcêntrico", a situação da mulher na sociedade colonial brasileira, e diz: "De fato, só o macho contava. A mulher, acessório de valor relativo, era a besta de carga, sem direitos nem proveitos, ou o fator incidental na vida doméstica".

Agora, o mundo é outro e são inúmeras as mulheres que conseguem, sozinhas, vencer problemas econômico-sociais e até abrir caminho para a sua relevância em cargos de decisão.

"Ninguém nasce mulher, torna-se mulher", escreveu Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949), obra publicada após os primeiros capítulos terem sido divulgados na revista *Les Temps Modernes*, que vendeu 22 (vinte e dois) mil exemplares, na França, e aqui se tornou definitiva para o feminismo dos anos de 1960.

Foi ela quem primeiro formulou e discutiu o conceito da mulher, definida por si mesma, nunca pelo olhar masculino. E afirmou concretamente seu lugar como sujeito de seus projetos, na conquista da liberdade de escolha e da independência econômica.

Grande inovação do posicionamento feminino tem sido a atitude de certas mulheres que não desejam ter filhos, ou os têm mais tarde.

Jacques Derrida, filósofo franco-argeliano, famoso e polêmico, autor da célebre teoria da desconstrução, em filosofia, baseou-se na linguística e em outras ciências para mostrar que as relações entre o masculino e o feminino (na teoria dos gêneros), e outras, como entre a razão e a loucura (na teoria da psicanálise), vão além das aparências. As simples clivagens do modelo linear se destroem no momento da indecisão, como possibilidade de ser tomada uma decisão. E é no movimento da alteridade – de ser outro enquanto outro (diferente), que se produzem efeitos de diferença, chamados por Derrida de texto, cadeia, ou sistema de traços: *a différance* (neologismo francês).

Simone no Café de Flore, em Paris, em 1950
Fonte: Archivo del diario Clarín. Fotografía publicada em 1983 (assuntos: Sartre e de Beavoir) na revista dominical do periódico ilustrando um artigo sobre o poeta, em Buenos Aires, Argentina

O termo diversidade vem apontar para a necessária inclusão social de todos e de cada um. Contudo, graves problemas da mulher se apresentam ainda em nossos dias. O feminicídio, mal endêmico, insiste em permanecer como hábito cultural, consciente ou inconscientemente.

Em *Discriminação e preconceito: anotações fronteiriças*, a Acadêmica Matilde Carone Slaibi Conti explica: "Feminicídio é o assassinato de mulheres, motivado apenas pelo fato de a vítima ser mulher".

A violência chega até à crueldade, por conter, no espaço de sua possibilidade, a violência da diferença – uma necessidade fatal, que vem suprir o vazio das carências e das mentes doentias. De qualquer forma que se apresente,

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

violência é sempre opressiva, motivada pelo ódio e sentimento de posse da mulher.

Chimamanda Ngozi Adiche, escritora nigeriana feminista, afirma que linguagem de posse é aquela que se emprega dentro dos relacionamentos, e é reveladora: é uma linguagem de posse, não de parceria. E respeito é sentimento que a mulher deve ao homem. Raramente acontece o contrário.

A mulher de hoje se faz ativista, empoderada e luta pelo feminismo absoluto. No entanto, mais do que nunca, ela precisa preparar-se para não ter de recorrer apenas ao amparo de leis ou delegacias da mulher. Ações individuais são necessárias, capazes de prevenir abusos.

Anthony Robbins, mestre da interrupção de padrões, no seu livro *Poder sem limites*, ensina que práticas negativas podem ser interrompidas e mudadas – "num instante".

A propósito, conheci uma professora que confessou ter sido espancada pelo marido, com frequência. Um certo dia, conforme contou, ela se decidiu: logo após a saída dele para o trabalho, fugiu, a pé, pela estrada, com a filhinha pequena no colo. Saiu, praticamente com a roupa do corpo, para abrigar-se em casa de parentes. E o problema ficou mesmo resolvido – num instante.

Para todas as situações de crise, só novos padrões e novos comportamentos.

Referências:

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. 19. impr. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 63 p.

CONTI, Matilde C. S. **Discriminação e preconceito**: anotações fronteiriças. Rio de Janeiro: Ed. Comunità, 2017. 140 p.

DERRIDA, Jacques. **Marges de la philosophie**. Paris: Minuit, 1972. 396 p.

IZAAL, Renata. No princípio, houve Simone de Beauvoir. **O Globo**, Rio de Janeiro, 05 maio 2019. Segundo Caderno, p.1.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**: ensaio sobre a tristeza brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1931. 221 p.

ROBBINS, Anthony. **Poder sem limites**. Tradução Muriel Alves Brazil. São Paulo: Best Seller, 1987. 386 p.

Primeiras eleitoras do Brasil, Natal, Rio Grande do Norte, 1928. Fundo: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Fonte: Domínio Público / Acervo Arquivo Nacional

A GRANDIOSIDADE DO NOSSO IDIOMA

*ALBA HELENA CORRÊA**
Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras

Nada é mais verdadeiro do que o pensamento: "Valorizar o idioma é fortalecer a identidade nacional". Um país que não cuida da preservação de sua linguagem e, portanto, da sua cultura, não se impõe como nação.

No caso do Brasil, um país de vasta extensão territorial, a linguagem unificada foi o elo capaz de unir as três raças formadoras da nacionalidade brasileira. Os negros e os índios enriqueceram, ainda, o novo idioma com palavras advindas do seu vocabulário de origem.

Precisamos valorizar o nosso patrimônio linguístico, colocando-o no lugar que ele, por direito, merece ocupar. Além dessa justa reivindicação, ainda corremos outro grave perigo

Estejamos, pois, vigilantes para não perdermos esse poder. É preciso dar mais atenção ao abuso da propagação de palavras estrangeiras em nosso cotidiano. Sem que se perceba, está se criando uma linguagem paralela. Os jovens, principalmente, estão muito receptivos a essas mudanças, dando preferência a essa nova linguagem. Por que usarmos termos de origem estrangeira, se nosso idioma é suficientemente rico para substituí-los?

As escolas precisam colaborar, urgentemente, nesse sentido, mostrando como podemos, com a maior facilidade, usar a "nossa" nomenclatura.

Para dar um fecho poético, ofereço um poema que escrevi sobre esse tema:

O Poder da Integração da Linguagem

Mostra o BRASIL que a língua portuguesa
teve o dom de gerar a integração:
uniu três raças de forma coesa,
fez, delas, uma só... um povo irmão!

De pele branca, negra, acobreada,
se afeiçoaram à linguagem culta
e, a nova raça já miscigenada,
com o idioma lusitano exulta.

E PORTUGAL nos deu este presente
vocabulário tão sentimental,
cuja sonoridade a gente sente
no coração, de forma especial.

Amor, Família, Paz, Sonho, Amizade...
palavras que nos dão tanto prazer
e existe uma, só nossa, é a SAUDADE...
que os poetas não cansam de dizer!

Por isso, entoarei com minha voz
os parabéns do povo brasileiro,
ao berço do meu pai e meus avós
por tradição, nas letras, o celeiro!

* biografia dos autores nas págs. 58-62

HOMENAGEM À PROFESSORA IRMA BOSCHI 1931-2020

LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE SANTOS*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 38
Classe de Letras

Sinceridade total, veracidade absoluta, objetividade, impossível. Mesmo porque não há como mantê-la tratando-se da Professora Irma Boschi. Só para quem não a conheceu. A capacidade de cativar que lhe era inerente, por seu modo de ser e por ser daquele modo, impedia identificar falhas ou defeitos em seu convívio, menores que pudessem ser, até pelo desejo subconsciente de não querer encontrá-los, mantendo intocada uma imagem que, singular, engrandecia de todos o patrimônio plural.

Tais características de relacionamento, porém, não lhe afetavam o desempenho. Despreocupada de julgamentos, dedicava-se com afinco ao estudo de cada tema, ao preparo de cada aula, exposição ou condução de trabalho que lhe fosse atribuído, sempre focada em seu público-alvo, fosse ele constituído nos diferentes momentos de sua exitosa atividade profissional, por alunos do curso normal, universitários da UFF, figuras civis de alto nível e oficiais generais na Escola Superior de Guerra ou, já ao final da carreira, na administração pedagógica da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro.

Tudo isto se tornava ainda mais amplo quando era levada a divulgar e debater o conhecimento em que se especializara por inúmeras outras capitais e cidades do país em sucessivas propostas de contribuição.

Paulista de nascimento, embora niteroiense desde os primeiros anos, faltava-lhe uma das condições para candidatar-se a esta Academia, como era seu desejo. Foi pena. A casa, que possui luz própria, certamente teria hoje em algum desvão de sua arquitetura, um ponto com brilho especial.

Por ela inspirado, surgiu o poema abaixo que, sem qualquer pretensão de fazer-lhe a biografia, ressalta um traço marcante de sua personalidade invulgar.

ELEGÂNCIA

É estranho pra quem se via
em rol de simplicidade
Tornar-se ao longo da vida complexa realidade.
O desafio de ser é única explicação
para tal transformação.
Decidida e corajosa, um mundo novo enfrentou
Podendo até afirmar que no correr da existência,
Perdoe-se a inconfidência, a mais
de um homem amou.
Por isso os passos incertos lá da primeira infância
Sequer deixavam entrever o
seu perfil de elegância.

Mais fácil do que entender os
contornos do mistério
Foi perceber desde o início seu
pendor pro magistério.
Era então menina-moça em
suas roupas modestas,
Companheira inseparável dos
livros e dos cadernos,
Trazia um riso alegre e olhar indecifrável
A despertar em outros jovens
desejosa insinuância
Que recusava, vaidosa, jamais
perdendo a elegância.

Na idade conveniente, achou o par adequado,
Casou-se, criou família, desbravou
a própria trilha.
Floresceu mulher bonita, procurada, requestada.
Profunda no raciocínio,
refrescante como orvalho,
Chamava sempre atenção no
ambiente de trabalho:
Inteligência e aparência formavam
sua circunstância,
Qualidades coroadas por despojada elegância.

Passaram-se muitos anos, foram décadas assim.
Plenamente realizada em sua vida pessoal,
Também nos demais setores (com
problemas, quem não os tem?),
Viu a velhice chegar sem, de fato, envelhecer.
Quando veio a despedida, chamada pelo Senhor,
Em silêncio, sem alarde, leve como fragrância,
Deu mostra definitiva do que
é viver com elegância.

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

NÃO FOLHAS DE OUTONO, MAS DE ETERNA PRIMAVERA

Comentários sobre livro do Doutor Eugenio Cordeiro

JOTA CARINO*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 20
Classe de Letras

A medicina, a política e a literatura têm exemplos de simbioses muito bem sucedidas na cultura brasileira. Entremeadas, por força de certas personalidades, essas dimensões da vida em sociedade já deram muitos frutos, quando praticadas de fato em benefício das manifestações socioculturais, e não como tradução de vaidades, interesses escusos e sucesso financeiro.

Escrevo estas linhas enquanto, a duras penas, tentamos sobreviver e atravessar a pandemia provocada pelo coronavírus. Médicos, sobretudo, vêm demonstrando verdadeiramente sua vocação, chegando ao heroísmo e ao sacrifício de suas próprias vidas, no combate ao terrível mal da Covid-19. Justamente de um médico trato aqui: Doutor Eugenio Cordeiro.

Emparedado nessa quarentena necessária, estou relendo os escritos desse médico, que foi exemplo da simbiose a que me referi acima. Insigne integrante de nossa Academia Fluminense de Letras, fundou a Cadeira 20 e foi seu único ocupante até quando a herdei, lugar que tento honrar, com humildade, respeito e admiração.

O médico de vida longeva e admiravelmente produtiva, bem como o pesquisador reconhecido e enaltecido por ter descoberto o tratamento para a '*Larva Migrans*', dermatose conhecida como a doença do "bicho geográfico"; o marido exemplar, o pai afetuoso, o íntegro homem fazedor de amigos; o político honesto e trabalhador, sobretudo devotado à causa dos mais pobres – todos esses são bem conhecidos pelos que tiveram a ventura de com ele conviver e serem por ele beneficiados. Mas há uma faceta do Doutor Eugenio que acredito deva ser revisitada e mais amplamente divulgada, a de escritor.

Tenho em mãos, como companheira nesta clausura imposta pela pandemia, uma deliciosa obra desse sensibilíssimo artista das letras. Intitula-se *Folhas de Outono*, coletânea publicada em 1974. Trata-se, como definiu o autor, de "uma coletânea de crônicas publicadas na imprensa e histórias inéditas e autênticas".

Já o prefácio, intitulado *Conversa com o leitor* nos revela muito sobre o autor, como pessoa e como escritor. Nele, o Doutor Eugênio discorre justamente sobre o ato de escrever, e o faz de forma a um tempo jocosa e séria, quando trata do exagero preconizado pelos "puristas" da língua, confessando que chegou a ser assim, mas converteu-se em alguém que "escreve como se fala", sem maneirismos e sem obediência cega a regras e ordenações linguísticas. Porém, logo percebemos que essa conversão ao mais simples, quase coloquial, salvaguarda toda a correção e a elegância própria dos excelentes escritores.

Cada texto da obra revela as qualidades do seu autor: inventividade, domínio total da língua, poder de síntese sem prejuízo das narrativas e um indisfarçável e admirável espírito tomado por inspirações poéticas.

O amor do Doutor Eugenio por seu torrão natal, Rio Bonito, permeia o livro. Um amor apaixonado, derramado em descrições precisas de lugares, paisagens e pessoas, estas perfeitamente encaixadas nesse panorama amoroso. Mas o autor, fiel às suas convicções, às vezes não poupa ácidas críticas, sobretudo quando referidas a pessoas e a circunstâncias que dificultaram ou impediram o melhor desenvolvimento de sua terra. Então

Serra do Sambê - Rio Bonito - RJ

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

se apresenta no Doutor Eugenio Cordeiro aquela característica dos grandes escritores: revelar no imediato, no próximo, no regional uma dimensão universal.

Percorrendo, durante décadas e décadas, inúmeras vezes a cavalo, para atender pacientes em brenhas dos distritos de Rio Bonito, seu olhar arguto, seu ouvir atento e seu coração sensível permitiram-lhe captar e registrar tanto as maravilhas da natureza exuberante à sua volta quanto o sofrimento de sua gente, com carências básicas em termos de saúde, alimentação, saneamento – essas mazelas universais.

Folhas de Outono é uma lição exemplar de como se transformam pessoas reais em personagens vivíssimos, coloridos, atrativos. Estes, dramáticos ou caricatos, dão bem a medida de como o Doutor Eugenio os constrói com maestria. Sentimentos negativos como vaidade, inveja, ciúme, ganância, raiva, mas também os positivos, como amor, bondade, altruísmo, dedicação ao próximo, renúncia e outros tantos, são os ingredientes para a criação de histórias curtas e deliciosas, que encantam, surpreendem, emocionam, revelando, inclusive, o poder de síntese do autor, que nos oferece muito em apenas 140 páginas.

Elenco, ao acaso, alguns títulos dos contos, apenas para aguçar a curiosidade de quem quiser fazer uma curta, mas surpreendente viagem literária lendo esse pequeno grande livro: "O Transplante", "A Pinta", "O Número 31 da Fila", "O Letreiro Vermelho", "Fantasma Apalpador", "Pressentimento", "Um Gênio Musical", "O Burro e o Camelo", "O Horóscopo". Mas o livro é ótimo de capa a contracapa.

O pano de fundo de toda a obra é, ao meu ver, além da competência literária, a visão de mundo do Doutor Eugenio, permanentemente mergulhada num humanismo admirável, e praticando uma tolerância que contempla até os adversários políticos, mesmo quando ultrapassam os limites da ética, honestidade, competência, causando malefícios à coletividade, em geral, e à sua querida Rio Bonito, em particular.

Forçado pela exiguidade do espaço, encerro citando o Doutor Eugenio, e permitindo-me discordar dele, quando escreve: "As folhas do meu outono estão murchando e caindo, morrendo e apodrecendo no chão" (p. 130). Jamais as folhas da vida, bem como as folhas literárias da pessoa e do autor Eugenio Cordeiro murcharão e apodrecerão. Sempre haverá admiradores e leitores garantindo seu verdor, traduzido numa bela, exemplar e produtiva vida e em admirável literatura.

Referência:
CORDEIRO, Eugenio. **Folhas de Outono**. Niterói/RJ: Gráfica Confiança, 1974.

VALORIZAR NOSSO IDIOMA É FORTALECER A IDENTIDADE NACIONAL

ENEIDA FORTUNA BARROS*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 19
Classe de Letras

Nesse vasto território brasileiro, numa área de oito milhões e meio de quilômetros quadrados, a língua portuguesa, introduzida há mais de cinco séculos, pôde ir-se mantendo na unidade de seu sistema estrutural, o que veio impedir a formação de dialetos.

Entre nós, há sim falares locais, regionais, mais ou menos acentuados, mas todos entendidos e resolvidos no falar do dia a dia.

Acontece que a língua tem sofrido alterações, como é natural, principalmente hoje, dada a globalização vigente. E o vocabulário até enriqueceu-se com palavras usadas como relevância cultural.

Mas a crise é geral e atinge tudo e todos. Ninguém mais quer aceitar normas e regras da língua, e há ainda os que, com furor, desejam que se escreva como se fala.

Em 2008, o então Ministro da Cultura de Portugal, José Pinto Ribeiro, declarou, em entrevista ao jornal *O Globo*, que o novo acordo ortográfico (assinado em 16.12.1990), uniria os países de língua portuguesa, dando-lhes importância econômica, e acrescentou: "quanto mais profunda é a relação de um povo com a palavra, mais profunda é a sua identidade".

O projeto de texto do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa se fez como "um passo importante para a defesa da unidade essencial portuguesa e para o seu prestígio internacional".

Acontece que, em outros países, dialetos e línguas nativas concorrem com a hegemonia lusa. Cabo Verde, por ex., país insular, tem o português

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

como língua oficial, mas a língua do povo é o dialeto crioulo, reivindicado para a sua adoção como segunda língua oficial.

Em Moçambique, segundo a UNESCO, apenas 17% das pessoas falam a língua oficial – o português, e o país tenta quebrar barreiras linguísticas com o crescimento das línguas nativas, após oferta em escolas. Aliás, o português moçambicano muito se aproxima do falar dos brasileiros. Basta conferir nos noticiários da TV de lá.

Importa, na verdade, a meu ver, maior união entre as comunidades lusófonas, suas instituições e seus órgãos competentes, em prol

Estátua de Vasco da Gama na praça em frente ao antigo Palácio dos Capitães-Generais, na Ilha de Moçambique, uma pequena ilha de coral na entrada da Baía de Mossuril, na costa de Nampula

da defesa, da difusão e do aprofundamento do ensino da língua – para a necessária integração internacional da LP.

As grandes concentrações de imigrantes, espalhadas pelo planeta, que falam a nossa língua, também merecem atenção. Consta que, só na África do Sul, vivem milhares de portugueses. Felizmente, algumas reações de brasileiros fogem do descaso e procuram impedir a desestruturação da língua. O Professor Evanildo Bechara, considerado o último dos grandes gramáticos do país, em entrevista ao *Jornal do Brasil*, discute o modo como a potencialidade da língua é desfrutada pela sociedade brasileira, frente à coloquialidade da linguagem. Existe uma língua padrão e um falar espontâneo. Cabe ao professor educar linguisticamente o aluno, para torná-lo "um poliglota dentro da própria língua", diz o Professor Bechara.

As variantes e as modificações da língua no dia a dia interessam à linguística, como, por ex., os estudos semânticos de Algirdas Julien Greimas, doutor em Letras pela Sorbonne, que, no domínio da semiótica estrutural, teve por meta as múltiplas formas da significação.

Essas variantes, porém, alteram a língua e acabam por negligenciar o estudo da língua padrão. O combate ao preconceito, disseminado em todos os níveis sociais, chegou para corrigir injustiças. Aplicado na língua, no entanto, tem gerado o absurdo de se considerar obsoleto o ensino do português oficial, para dar legitimidade a formas verbais como "nós pega", "nós dá", ou "nós faz", exemplares da língua falada, trazidas aos livros.

A língua portuguesa é flexiva, em suas flexões de gênero, número, grau e pessoa.

Há uma tendência de dizer-se:

Eu se encontrei com ele hoje.
– em vez de –
Eu me encontrei com ele hoje.

O pronome se, de 3ª pessoa, substitui o me, referente à 1ª pessoa gramatical, eu.

Fernando Pessoa, ao declarar que "minha pátria é minha língua", frase famosa e sempre lembrada, veio defender a língua como fator de identidade. Dizia, além disso, que todo escritor (ou todo poeta) deveria ter sua própria linguagem, para ser grande. Esse é um trabalho que requer o domínio da língua – de que o escritor se apropria; o domínio do tema; e o da reestruturação das significações, segundo a indicação dos signos propostos.

A mania nacional, que passou a imperar na natureza social de nosso país, e continua em todas as manifestações criadoras, é a da imitação.

Desde o Brasil colonial, importava-se tudo da França e o francês era falado até por representar elevada condição social. Hoje, por influência da mídia, o inglês predomina.

Em palestra realizada na AFL, que resultou na publicação de *A nova língua dos brasileiros*, o professor e acadêmico Paulo de Almeida Campos apresentou uma relação de cerca de 800 (oitocentas) palavras e expressões inglesas, dos jornais, para lançar um protesto contra a infiltração, no país, de outros idiomas, por um processo de progressiva dominação cultural. E em sua crônica de *O Fluminense* (25.08.1987), José Cândido de Carvalho, ao responder ao amigo, enviou o seu RECADO – em linguagem irônica, dizendo, com graça: "Cá entre nós, amigo Paulo, o nacional sempre deu os colarinhos por um termo em língua de gringo".

A língua, "patrimônio do povo", deve "ser bem conhecida e amada" – escreveu Albertina Fortuna. E acrescentou, taxativa: "... para evitar que a desorganização atinja o ponto da irreversibilidade".

Referências:

BARROS, Albertina Fortuna. A problemática da língua portuguesa. In: ___. **Aspectos formais da língua portuguesa**. Niterói: Gráfica Editora La Cava, 1978. p. 36.

CAMPOS, Paulo de Almeida. **A nova língua dos brasileiros.** Niterói: [s.n.], 1987. 12 p.

FONSECA. Rodrigo. **O poliglota de uma língua só**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 16 jul. 2002. Caderno B, p.1-2.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Du Sens**. Paris: Seuil, 1970. p. 39, passim.

ONU NEWS. **Com mais de 20 idiomas, Moçambique tenta quebrar barreiras linguísticas**. Portal de Notícias da ONU, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/05/1713762>. Acesso em: 7 jan. 2021.

OTÁVIO, Chico. **Uma questão de identidade**. O Globo, Rio de Janeiro, 15 mar. 2008. Caderno Prosa & Verso, p.1-2.

STANLEY, David. **Estátua de Vasco da Gama em Moçambique**. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9a/Museu_Da_Ilha_De_Mocambique_%2833387901932%29.jpg>. Acesso em: 7 jan. 2021.

A pátria não é a raça, não é o meio,
não é o conjunto dos aparelhos
econômicos e políticos:
é o idioma criado ou herdado pelo povo.
Olavo Bilac

CONCURSO NACIONAL E INTERNACIONAL DE TROVAS PATRONO LUIZ OTÁVIO / 2021

Comemorativo do JUBILEU DE ESMERALDA da UBT Nacional – 55 anos promovendo a Trova –

Este Concurso Especial tem por objetivo promover e ressaltar a Arte Poética da Trova, valorizando o movimento trovadoresco nacional, nos 55 anos de existência da União Brasileira de Trovadores.

O Concurso está aberto a todos os interessados (veteranos, novos trovadores), com um único tema: **ROSA** (flor símbolo da UBT), que deverá constar na trova.

Cada participante deverá remeter uma única trova, inédita (lírica ou filosófica), com versos setissilábicos, rimando o 1º com o 3º verso e o 2º com o 4º, e com sentido completo.

Envio dos Trabalhos

Em virtude da pandemia, serão aceitas duas modalidades de envio – pelos Correios e também por e-mail, considerado por muitos mais fácil e seguro:

1- Envio por e-mail – As trovas deverão ser enviadas para o endereço eletrônico da trovadora **Talita Batista**, que servirá como *FIEL DEPOSITÁRIA* – talitabatista2012@gmail.com

A trova deverá constar do corpo da mensagem, trazendo logo abaixo a identificação completa do autor (não serão aceitos anexos).

2- Envio pelos Correios – As trovas deverão ser enviadas através do sistema de envelopes para a sede da UBT-Niterói, na Praça da República, nº 7, Centro, Niterói/RJ, CEP 24020-099 (usando-se como remetente Luiz Otávio, com o mesmo endereço).

O prazo final para recebimento das trovas concorrentes será 30 de abril de 2021 (tanto para as enviadas por e-mail quanto pelos Correios).

Sistema de Envelopes

A trova é datilografada ou impressa na face de um envelope branco pequeno (11cm x 7cm) lacrado, contendo no interior uma tira de papel com a identificação do autor (nome completo, endereço, telefone, e-mail e o primeiro verso da trova). Colocar acima da trova a palavra-tema (que deverá constar da trova). O envelopinho é colocado dentro de um envelope de carta comum, com os dados necessários ao envio.

Atenção: Não serão aceitas trovas manuscritas, mesmo que em letras maiúsculas.

Comissão Julgadora

Arlindo Tadeu Hagen
Presidente da UBT Nacional (em exercício)

Renato Alves
Vice-Presidente da UBT do Rio de Janeiro

Terezinha Dieguez Brisolla
Secretária da UBT Nacional

Premiação

Serão classificados 20 concorrentes, sendo 10 trovadores e 10 trovadoras, que receberão certificado e o livreto contendo todas as trovas classificadas.

A Diretoria da UBT-Niterói decidiu homenagear dois de seus membros na denominação dos prêmios: *Trovador Sávio Soares de Sousa*, para os homens, e *Trovadora Alba Helena Corrêa*, para as mulheres.

O livreto do concurso será elaborado em formato eletrônico, incluindo as trovas classificadas e resumos biográficos dos homenageados (com as razões que fundamentaram sua escolha), sendo distribuído/disponibilizado através da internet.

A solenidade de premiação está prevista para o dia 15 de julho de 2021 (celebrando a data do aniversário de Luiz Otávio, fundador da UBT – 18 de julho), no salão nobre da Academia Fluminense de Letras, sede da UBT-Niterói.

Caso não seja ainda possível a realização no local, em virtude da pandemia, o evento será promovido de forma telepresencial – ainda assim sendo a data meritória celebrada condignamente.

Cada participante do concurso estará enaltecendo e glorificando o *Jubileu de Esmeralda* da UBT.

UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES
SEÇÃO NITERÓI

NITERÓI
INSPIRAÇÃO POÉTICA

HAICAIS PARA NITERÓI

SANDRO PEREIRA REBEL*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 47
Classe de Letras

És "Água escondida."
Quem tem sede de beleza
se farta em ti.

Na visão cristã,
a igreja de São Lourenço
abriu tua história.

Pereira Carneiro.
Uma vila lembra outra:
a Vila Real.

Na curva, uma pedra
Faz preservada a Itapuca
de tempos atrás.

Parque da Cidade:
nossa vista se extasia
com a natureza.

É Icaraí,
pra Niterói sua musa
mais tradicional.

Em Itaipu,
têm encontro todo dia,
peixeiros e peixes.

Camboinhas é,
das que estão em mar aberto
a praia caçula.

Itacoatiara
sugere que o paraíso
tem forma de praia.

Árvores frondosas,
lá no Campo de São Bento,
têm porte de deusas.

Um disco voador?
O Museu da Boa Viagem
mostra vôos de arte.

Postado no bronze,
em postura sobranceira,
o índio olha o rio.

Com tantos encantos,
a terra de Arariboia
é joia preciosa.

Pedra de Itapuca, Niterói
Foto: Marcusmansur no wts Wikivoyage
Fonte: Domínio Público - Wikipedia Commons

LOUVADO PARA O ELOS INTERNACIONAL DA COMUNIDADE LUSÍADA

CONVENÇÃO DO ELOS INTERNACIONAL EM NITERÓI 1983

*MARIA DA CONCEIÇÃO PIRES DE MELLO (MANITA)**
In Memoriam
4ª Ocupante da Cadeira nº 2
Classe de Letras

Niterói, venturosa, se engrandece,
E deseja, feliz, braços abertos,
Que esta união, sob a forma de prece
Seja o oásis de todos os desertos!

Louvado seja o Movimento Elista!
Que traga fartas messes de alegria,
Por direito de sonho e de conquista,
Durante a Convenção que se inicia!

Sendo Internacional, que ao mundo inteiro,
Sem problemas de credo, raça ou cor,
O humanismo lusíada, altaneiro,
Aliado à Cultura, leve o amor.

Amor pleno, argamassa de ideais,
Somando forças, sonhos sempre novos,
A sentir hoje, e cada dia mais,
A língua mater, viva a unir os povos!

E a nossa voz se alteia e louva um bardo,
Sonhador de altitudes generosas,
Um brasileiro, o Doutor Eduardo
Dias Coelho, semeador de rosas...

Que em Santos fez nascer, a oito de agosto
Mil novecentos e cinquenta e nove,
O Elos, que pôs mais brilhos no seu rosto,
O Elos que o gratifica e que o comove.

E agora, vinte e quatro anos depois,
Num gesto de ternura e de carinho,
Louvemos a figura que se impôs,
Plantando o Elismo ao longo do caminho.

E a Carta de Princípios que deixou,
Impressa, viva, em nosso Manual,
Soma esforços de tudo que pensou,
Criando o Elos Internacional!

E todos nós, neste exato momento
De saudades, no topo da emoção,
Trazemos nosso reconhecimento
Ao grande Elista, ao grande cidadão.

E nesta Convenção, ideais tão belos
Brilham numa verdade sem igual:
Cada um de nós é um elo entre outros elos,
Vivendo um pensamento universal!

E assim vamos, seguindo sempre em frente,
No mesmo diapasão, no igual compasso,
Interligando os elos da corrente,
Sentimento e saber num grande abraço.

Convenção do Elos Internacional da Comunidade Lusíada em Niterói, em 25 de setembro de 1983 - ao centro o presidente Olímpio da Paz

* biografia dos autores nas págs. 58-62

LOUVOR A NITERÓI (III)

ALBA HELENA CORRÊA*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 13
Classe de Letras

Nasci e me criei em Niterói:
sou "peça de museu" dessa cidade
– terra de Arariboia – um grande herói!
Dos tempos infantis, sinto saudade.

Se o progresso constrói, também destrói:
onde é que, agora, estás tranquilidade?
Lembrar do que passou, tanto me dói
que chego a te execrar modernidade!

E tenho, a meu favor, mil argumentos:
casas deram lugar a apartamentos,
carros, gente a correr, desenfreados...

Não se conhece mais a vizinhança,
nem brinca nas calçadas a criança:
aqueles foram, sim, tempos dourados!!!

NITERÓI

CARLOS TORTELLY RODRIGUES DA COSTA*
In Memoriam
Classe de Ciências

Niterói, minha cidade
Ela é escrínio de uma joia
Guardada com humildade
Nos sonhos de Arariboia

NITERÓI

LYAD DE ALMEIDA*
In Memoriam
3º Ocupante da Cadeira nº 9
Classe de Letras

Niterói de praia e mar,
de pôr-do-sol rosicler
onde a lua é mais luar
e a mulher é mais mulher...

Vista panorânica da Praça da República, Niterói
Foto: Antonio Schumacher
Fonte: Niterói em fatos e fotos

NITERÓI

RENATO DE LACERDA*
In Memoriam
3º Ocupante da Cadeira nº 46
Classe de Letras

Niterói é a cidade
da luz, da graça e da cor;
quem a viu – guarda saudade,
quem a vê – que resplendor!

Niterói tem mil encantos
que não tem outro lugar;
tem magia, tem quebrantos,
tem os feitiços do mar...

Por Niterói – terra santa –
tenho grande admiração;
por ela a min'alma canta,
– exulta o meu coração!

Com seus recantos, formosa,
bem poucas assim já vi:
tem Fonseca, Santa Rosa,
São Francisco, Icaraí...

Barreto é bairro operário,
Ponta d'Areia também,
São Domingos é um sacrário,
no Centro mora o meu Bem.

Os seus jardins perfumados,
de primaveras florindo,
são ninhos de namorados
aos céus do sonho subindo...

Suas casas multicores
têm seu quê, sua poesia,
pois nelas vivem amores
a arrulhar... em sinfonia!

Suas mulheres divinas,
de formas esculturais,
têm belezas peregrinas,
têm virtudes imortais...

De valores estelares
são seus filhos – mais de mil!
– peristilos basilares
da grandeza do Brasil!

As suas praias infindas,
beijadas pelo arrebol,
tornam-se ainda mais lindas
depois do ocaso do sol,

quando o céu, iluminado
pelo clarão do luar,
fica todo retratado
nas águas mansas do mar...

À noite – que noites belas!
refulge o seu lampadário
como um diadema de estrelas
a brilhar num relicário...

Eu gosto de Niterói
como de ti, minha flor;
por ela – serei herói,
por ela – morro de amor!

Panorâmica de Niterói tirada do Parque da Cidade
Foto: Claudney Neves / Fonte: Wikimedia Commons

NITERÓI
HISTÓRIA E ATUALIDADE

CENÁCULO FLUMINENSE DE HISTÓRIA E LETRAS 97 ANOS

MATILDE CARONE SLAIBI CONTI*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 5
Classe de Ciências Sociais

Muito tempo passou, mas até hoje o imaginário popular continua preenchido com as histórias fantásticas ocorridas no lendário Café Paris, café este considerado o berço do Cenáculo Fluminense de Histórias e Letras.

Este estabelecimento estava situado na antiga Rua Visconde do Rio Branco, a qual recebeu este nome honorífico em virtude daquele Visconde que nos tempos do Império, com D. Pedro II, fez promulgar a importante Lei do Ventre Livre, decretando que toda criança que viesse a nascer de uma mãe escrava, ela seria livre, desde o seu nascimento.

Importa assim assinalar que a fundação do Café Paris, em tão nobre local, foi em 1895 e em 1942, aconteceu seu fechamento.

O prédio conseguiu resistir a dois incêndios, mas tudo terminou quando o imóvel foi demolido por ordem da Prefeitura Municipal, pois estava ocorrendo a abertura da importante via central, que veio mais tarde receber o nome de Avenida Amaral Peixoto.

O Café Paris ganhou grande projeção no princípio do século passado, por volta de 1908, tornando-se um efervescente local de encontro de costumeiros boêmios, dos intelectuais e dos notáveis da cidade.

Assim aconteceu, que o Café Paris notabilizou-se por todos esses fatores e mais ainda, por sua localização privilegiada, bem defronte ao novo atracadouro projetado, a chamada Estação Central das Barcas.

Houve vários cafés famosos na região, mas o Café Paris suplantou a todos eles, em beleza, movimentação e importância.

Contam os historiadores que em tempos de Belle Époque, no academicismo vigorante, um grupo desejava criar uma Academia Fluminense de Letras, nos moldes da famosa Academia Francesa de Letras.

Contudo, no meio deles ocorreu de acontecer um grupo dissidente, os quais eram menos conservadores, chefiados pela fidalga figura de Beaurepaire Rohan, os quais encontravam-se sempre no Café Paris.

Deste grupo original apareceu o codinome, Cenáculo Ambulante, originário da Roda Literária do Café Paris, pois neste Café o grupo acadêmico possuía cadeira cativa.

Contam que o nome Cenáculo foi dado por Max de Vasconcelos, poeta campista morto prematuramente por insidiosa doença.

Devemos ressaltar que Beaurepaire Rohan era filho do Visconde de Beaurepaire Rohan, pertencente a uma das famílias mais ilustres da história da França, e que aqui no Brasil, na administração pública, na época Imperial, os Beaurepaire Rohan alcançaram os mais altos postos que poderiam ser almejados.

Realçamos que o Cenáculo Fluminense de História e Letras, que havia sido criado originariamente com o nome de Academia de História e Letras do Brasil, não diferia em nada em sua composição da Academia Fluminense de Letras.

Vamos brindar aos intrépidos confrades daquele tempo, pois assim caminha o Cenáculo, com seus membros sempre em busca de novos horizontes e de uma maior expansão cultural.

Vamos também aclamar todos os seus presidentes, iniciando pelo primeiro, aquele que permaneceu no curul presidencial por 29 anos: Jacques Frederico de Beaurepaire Rohan; Maurílio de Gouveia; Anníbal Burlamaqui; Benjamin Sodré; Nemécio Cardoso Calazans; Aloysio Tavares Picanço; Márcia Maria de Jesus Pessanha; Júlio Vanni; e no momento atual, Matilde Carone Slaibi Conti.

A todos os acadêmicos, mesmo aqueles que já se encontram no parnaso e ainda para aqueles que permanecem nesta envolvente trilha do saber, queremos deixar registradas nossas homenagens, gratidão e congratulações, neste profícuos 97 anos de fundação do Cenáculo Fluminense de História e Letras.

Livros não mudam o mundo,
quem muda o mundo são as pessoas.
Os livros só mudam as pessoas.
Mário Quintana

* biografia dos autores nas págs. 58-62

JUBILEU DE DIAMANTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Homenagem ao Reitor Antonio Cláudio Lucas da Nóbrega

COMISSÃO DE REDAÇÃO

A Academia Fluminense de Letras, em conjunto com a Federação das Academias de Letras do Estado do Rio de Janeiro, o Cenáculo Fluminense de História e Letras, as Academias de Medicina e de Medicina Veterinária do Estado do Rio de Janeiro, a ASPI-UFF, o Elos Internacional da Comunidade Lusíada e outras entidades socioculturais promoveu no dia 18 de dezembro de 2020 solenidade telepresencial comemorativa do Jubileu de Diamante da Universidade Federal Fluminense, criada em 18 de dezembro de 1960 pela Lei nº 3.848. Na ocasião, o Magnífico Reitor Antonio Cláudio Lucas da Nóbrega foi homenageado com o título de Acadêmico Honorário da AFL, recebendo o diploma das mãos da Professora Geralda Marques.

O Presidente Waldenir de Bragança iniciou a sessão louvando e agradecendo a Deus, ressaltando o júbilo (Jubileu) de poder comemorar os 60 anos da gloriosa universidade que tanto tem contribuído para a transformação nacional, através das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão. Destacou sua emoção e carinho diante da efeméride, tendo participado da luta pela criação da universidade, com o apoio do Senador Vasconcelos Torres, e recordando a ligação pessoal com a instituição "onde fui professor, onde meus filhos estudaram, onde aprendi tanto, ensinando". Citando o pensamento de Cícero – um dos mais importantes, ou talvez o mais importante dever é o da gratidão – falou da gratidão pela UFF, e a todos que vêm durante essas décadas ajudando a projetar seu nome, a realizar o que se espera de uma universidade: "Diamante é a pedra preciosa mais dura, que representa a dureza, a constância, a permanência que desejamos para a nossa universidade – que ela seja sempre motivo de alegria, percorrendo os séculos".

A seguir, apresentou o Reitor Antonio Cláudio, ressaltando que o homenageado recebia o título por méritos, e citou alguns pontos resumidos de sua trajetória – a graduação em Medicina pela própria UFF, o mestrado em Ciências Biológicas pela UFRJ, o doutorado em Ciências pela Universidade do Texas, Estados Unidos, com especialização em Medicina do Exercício e do Esporte e em Cardiologia, tendo participado nas equipes médicas de competições nacionais e internacionais; na UFF, a caminhada que incluiu as funções de coordenador do projeto de implantação da Unidade de Pesquisa Clínica do Hospital Universitário Antonio Pedro e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Cardiovasculares, de pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e de vice-reitor, antes da eleição para reitor; e as atividades atuais, como professor titular do Departamento de Fisiologia, coordenador de projetos de pesquisa, integrante de corpos editoriais de diversos periódicos nacionais e internacionais e, ainda, a coordenação da área da Saúde e a participação no Conselho Superior da FAPERJ.

O Reitor Antonio Cláudio agradeceu a homenagem, pedindo licença para estendê-la à

ANTONIO CLÁUDIO LUCAS DA NÓBREGA
Magnífico Reitor da Universidade Federal Fluminense

equipe que vem colaborando em sua gestão, e destacou a missão da universidade de, por um lado, gerar conhecimento aplicado de altíssima tecnologia, e por outro, participar de um processo de socialização do conhecimento, de autonomia da busca dos próprios destinos através da educação:

> *A Universidade, como o Professor Waldenir mesmo gosta de dizer, como organização laica mais longeva da humanidade, perpassando os tempos, ela se baseia não em objetivos imediatos, operacionais e convenientes com o poder do momento, mas sim se sustenta em princípios, em valores, valores da produção do conhecimento, do respeito à diversidade – e a nossa universidade em seus 60 anos representa isso muito bem, porque como todos sabem, ela foi formada pela reunião de institutos, escolas e faculdades pré-existentes,*

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

portanto ela nasceu da reunião de diferentes. Essa simbologia me ocorreu essa semana: a Universidade Federal Fluminense foi formada pela união de diferentes – aliás, de muitos diferentes, inclusive escolas privadas, estaduais e federais. Ela tem o DNA de uma universidade plural. Portanto, esse papel precisa ser reforçado mais uma vez; quando se tenta subtrair, simplificar a existência, nós resistimos mostrando que não, o ser humano pode e deve existir de todas as formas possíveis, porque toda forma de amor vale a pena.

Agradecendo o espaço para trazer o sucesso do empreendimento Universidade Federal Fluminense, falou da participação direta de muitos dos presentes na instituição, como o Presidente Waldenir, o Professor Acyr de Paula Lobo (ASPI-UFF), a Professora Márcia Pessanha, o Reitor José Raymundo Martins Romêo, entre outros:

Eu gosto muito do aforisma popularizado por Isaac Newton, que vem da mitologia grega: a Universidade Federal Fluminense tem um olhar para o futuro, é uma universidade antenada com os desafios da sociedade, sempre com um olhar plural, inclusivo e aguerrido, para a transformação, para o melhor da sociedade; e se ela tem essa capacidade é porque se sustenta em ombros de gigantes, como as senhoras e senhores aqui. Então, fico muitíssimo honrado com essa homenagem à Universidade e coloco mais uma vez à disposição a nossa gestão, para amplificar cada vez mais a interação daqueles que acreditam que a solidariedade deve prevalecer nas relações humanas.

O Reitor manifestou, ainda, solidariedade às vítimas da pandemia de Covid-19, colocando-se ao lado dos que buscam as soluções, e lembrando a importância da Ciência como elemento do processo civilizatório, na produção de conhecimento estruturado como base para a tomada de decisões na sociedade.

O Acadêmico Marco Lucchesi, Presidente da Academia Brasileira de Letras e ex-aluno da Universidade Federal Fluminense, se pronunciou a seguir:

Agradeço a palavra e abraço esse presidente tão jovem, como costumo dizer, que é o Waldenir de Bragança, que rejuvenesceu a Academia, a cidade, que não para de pensar sonhos e projetos, em um momento em que sonhos e projetos estão muito escassos em nosso país e arredores. Estendo os cumprimentos a todos os presentes, em especial ao Prof. Raymundo Romêo, que me deu a honra de dizer algumas palavras quando pude ingressar na Academia Fluminense de Letras.

Querido Reitor Antonio Cláudio (...) a sua presença realmente é iluminadora, porque você tem o sangue tranquilo – sei que é um pouco intenso,

Hospital Universitário Antônio Pedro (HUAP)
Fonte: Acervo UFF / 50 anos da Universidade Federal Fluminense - 1960-2010

porque se não fosse seria impossível regrar todo o processo – mas com uma intensidade inteligente, política, de distribuição de situações e perspectivas. Eu o conheço apenas de longe, mas tenho sabido ler os grandes sinais que tem dado, para a própria excelência da universidade, em um momento tão difícil, talvez o mais difícil de todos os momentos, embora a universidade brasileira tenha tido sempre capítulos extremamente complexos (...) No entanto, o que faz a Universidade Federal Fluminense, faz a Academia Fluminense de Letras, faz a Academia Brasileira de Letras – calibrar, com todas as nuances possíveis, ecumênicas, respeitosas, mantendo-se dentro do único ringue possível, que é o nosso, que não é da arma, não é tirar imposto da arma e colocar imposto no livro; a nossa única possibilidade de cultura da paz é através do livro, através da cultura, através da ciência (...)

Certamente a única coisa que você vai guardar dessa trajetória, quer dizer, primeiro como Waldenir de Bragança na Academia, como todos nós: a ideia de um colegiado, a ideia da pluralidade, ninguém salva sozinho; ou nós, realmente, como faz Antonio Cláudio, como faz Waldenir, ou nós aprofundamos as camadas e estruturas institucionais, ou então nos dissolvemos todos (...) A UFF continuará, sem seus reitores para o futuro, assim como a Academia Brasileira de Letras não dependerá de mim, mas, a história desse DNA é a única coisa que nos pode de algum modo consolar, depois de tanta lágrima, tanto sangue, realmente, no sentido às vezes até mesmo intenso, da superação, não é mesmo querido Reitor Antonio Cláudio, é que nós temos a certeza de duas coisas: não nos faltou coragem, não nos acovardamos; não nos precipitamos, guardamos muitas vezes o princípio de 'terremotar' o processo; nós cultivamos, guardamos, trabalhamos em colegiado e buscamos formas criativas (...)

Estejamos atentos porque o próximo ano vai ser um ano muito difícil, sem maiores ilusões. Mas estaremos juntos, no princípio do colegiado, na ideia de um Brasil que é de todos nós, para quem quer que seja, e isso será, sem dúvida, através do fortalecimento das instituições, e a universidade nem se fala.

Logo comemorativa dos 60 anos da UFF

Foto aérea do Campus do Gragoatá,
em destaque o prédio da Biblioteca Central.
Foto: Diego Baravelli
Fonte:https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1b/UFF_by_Diego_Baravelli_02.jpg

A seguir, o Acadêmico José Raymundo Martins Romêo, ex-Reitor da UFF e ex-Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, agradeceu a oportunidade de se manifestar, saudando a Academia pela oportuna homenagem:

A nossa Universidade Federal Fluminense faz 60 anos, que é a idade média das universidades públicas brasileiras (as particulares são, na maioria, mais jovens). Quero dizer que não há instituição tão importante quanto uma universidade. No final do século passado, em 1998, cientistas, reitores, participaram de uma reunião na cidade de Glion, na Suíça, e depois de dias de discussão, redigiram um documento que é importante que seja lido por todos que se interessam pelo mundo, pelo futuro, pela educação. Esse documento, Declaração de Glion, está disponível e uma importante manifestação desse documento foi que os reitores e cientistas afirmaram que, não no século que terminava, mas no milênio

que terminaria no ano 2000, a maior contribuição da inteligência humana para o ser humano e para a humanidade foi a criação da universidade. (...)

E temos aqui, hoje, uma homenagem aos 60 anos da Universidade Federal Fluminense, felizmente, nesse momento, muito bem dirigida pelo Prof. Antonio Claudio, e também com um vice-reitor muito capaz, Fabio Passos, que realmente têm a noção do que é a universidade, essa instituição que não se atrela a conjunturas, não pode estar ligada a ideologias, ou modismos, ou coisas deste tipo, porque ela se destina a servir ao ser humano, à humanidade, e por isso ela está acima dessas conjunturas. O nosso Presidente falou na Universidade de Bolonha, que já fez 800 anos. Ora, a Itália já foi dividida, a Itália já foi reinado, já foi ditadura, fascismo, tudo isso passou – e a Universidade de Bolonha continua existindo. Vejam que esse é um dogma que tem que ser cumprido. A universidade tem que estar acima das conjunturas, dos momentos, e isso é algo que é exercitado diariamente pelo Reitor Antonio Cláudio – por isso a importância dessa manifestação e dessa homenagem.

O Presidente Waldenir de Bragança encerrou a sessão agradecendo a presença de todos os ilustres acadêmicos e personalidades que engrandecem o cenário cultural do Estado do Rio de Janeiro e valorizaram a solenidade especial, como: o Acadêmico Luiz Augusto de Freitas Pinheiro, vice-presidente da Academia de Medicina/RJ e ex-professor titular de Cardiologia da UFF; o Acadêmico Wainer da Silveira e Silva, vice-presidente da AFL e ex-pró-reitor de Extensão; o Professor Acyr de Paula Lobo, presidente da Aspi-UFF; a Professora Matilde Carone Slaibi Conti, presidente do Cenáculo Fluminense de História e Letras e governadora do Distrito 8 do Elos Internacional; Professora Márcia Pessanha, secretária da AFL e ex-diretora da Faculdade de Educação; o Acadêmico Cleber Francisco Alves, representante da Academia Petropolitana de Letras – para citar alguns. Desejando que a Universidade permaneça ainda por vários séculos, manifestou reconhecimento ao Reitor Antonio Cláudio, a todos os pró-reitores, aos professores, colaboradores – em especial à Professora Geralda Freire Marques, que coordenou a inclusão da sessão da AFL na programação comemorativa do aniversário:

> Que Deus continue abençoando todo o seu corpo discente, docente, administrativo, todos aqueles que ornamentam com sua inteligência, seu amor, a Universidade Federal Fluminense.

Reitoria da Universidade Federal Fluminense
Fonte: (Ironguedes 2017)

NOSSO MONSENHOR ELÍDIO

CÉLIO ERTHAL ROCHA*
Acadêmico Titular da Cadeira nº 27
Classe de Letras

Nascido em 15 de maio de 1932, em Bom Jesus de Itabapoana (à época Carabussu, distrito de Campos), o sacerdote, professor, poeta, escritor, humanitário – nosso querido Monsenhor Elídio, vai chegando aos 89 anos de idade mantendo o porte franzino e a gigantesca força de vontade que o guiou através das incansáveis obras realizadas por todos os caminhos que trilhou.

Deveria ser Monsenhor Isidro – nome escolhido para o batismo – mas um erro do escrivão resultou no nome incomum tão amado pelos niteroienses. Entre os estudos e a ajuda ao pai na lavoura da Fazenda Bela Aurora, o jovem Elídio encontrava tempo para dar aulas de religião às crianças das proximidades, já seguindo o chamado da vocação. Aulas, aliás, que aconteciam na capela construída pelos pais, Eduardo e Maria Rosa Robaina.

Concluído o Ensino Médio no Seminário Cardeal Leme, no Rio, iniciou o noviciado no Seminário Beato Eymar, em Monte Santo de Minas. Cursou Teologia em Belo Horizonte e no Seminário São José, em Niterói. Na Universidade Federal Fluminense, formou-se em Letras. Em 28 de junho de 1964 foi ordenado sacerdote, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.

Professor de Português, Latim, Francês, Grego e Música no Seminário São José, chegou a reitor em 1965. Foi pároco da Igreja de São João Batista, em Tenente Jardim, a partir de 1972. Em 1979 assumiu a Igreja Nossa Senhora das Dores do Ingá, onde permaneceria por 22 anos. A seguir, esteve nas Igrejas de São Lourenço e de São Domingos de Gusmão.

Hoje, embora aposentado, ainda exerce as atividades de cônego do Cabido Metropolitano e diretor espiritual da Pia União das Filhas de Maria, além de pároco da Capela de São Lucas da Casa do Médico (Associação Médica Fluminense), mantendo a dedicação ao serviço social que resultou na alcunha "Padre dos Pobres".

Aliás, não carece de apelidos. Agraciado com o título "Patrimônio da Cidade de Niterói", nosso Monsenhor Elídio é ainda conhecido como o "Padre Construtor" pelas iniciativas que promoveu por todos os lugares que passou – há quem brinque que sua carreira religiosa foi composta por 80% de obras e 20% de orações

Missa Comemorativa do Centenário da AFL

* biografia dos autores nas págs. 58-62

– edificando e restaurando igrejas, implantando centros sociais, creches, abrigos... Entre as muitas realizações, destacamos a Casa dos Meninos, que retira menores das ruas, e a Casa Cura D'Ars, para acolher sacerdotes idosos e enfermos.

O título de mosenhor lhe foi outorgado em 2014 pelo Papa Francisco, como homenagem pelos 50 anos dedicados à Igreja. A cerimônia comemorativa do seu Jubileu de Ouro, na Igreja de São Domingos, reuniu concelebrantes de várias paróquias, familiares, amigos e tantos fiéis que foi necessário instalar telões do lado de fora para que todos pudessem assistir.

Monsenhor Elídio pode ser chamado também de "Padre da Cultura"; autor de livros como *Centelhas de Eternidade, Crônicas que Falam, Mensagens que Evangelizam, Tributo a Anchieta*, além de diversos artigos, tornou-se conhecido pelo estilo poético de suas pregações religiosas – como na belíssima Missa em Trovas que celebra anualmente durante os Jogos Florais de Niterói. Parte do calendário oficial comemorativo do aniversário da cidade, o evento é promovido pela União Brasileira de Trovadores, da qual o monsenhor é membro – assim como da Academia Brasileira de Trovas e do Cenáculo Fluminense de História e Letras.

Em 2016, juntou-se à nossa confraria acadêmica na AFL, tomando posse na cadeira nº 21 da Classe de Letras. Concedendo-lhe ainda outro título – "Maestro de Almas" – disse o presidente Waldenir de Bragança ao receber o novo confrade: *"Pelo seu acervo cultural, postura humanista e visão social, pelas ações profissionais em favor da comunidade, a Academia ainda mais se fortalece e consolida com sua ilustre presença e digna participação*".

Grande parte da louvável caminhada foi acompanhada de perto pela simpática D. Maria Rosa, a mãe orgulhosa falecida em 2019, após 108 anos de dedicação à família.

Em tempos de pandemia, obedecendo às regras de isolamento social, o Monsenhor Elídio vem rezando as missas no altar de sua residência, no alto de São Lourenço, de onde foi transmitida pela internet a Missa em Trovas dos Jogos Florais de 2020. E foi ali mesmo, na porta de casa, que ele recebeu a benção especial pelos 56 anos de sacerdócio, em 28 de junho passado, do arcebispo Dom José Francisco Rezende Dias, do bispo auxiliar Dom Luiz Antônio Rici e do arcebispo emérito Dom Alano Pena, que fizeram questão de homenageá-lo, ressaltando suas qualidades como evangelizador e trabalhor incansável em prol dos necessitados.

Tendo ajudado ao próximo por toda a sua vida, hoje nosso Monsenhor Elídio enfrenta algumas dificuldades trazidas pela saúde frágil. Felizmente, conta com a ajuda dos muitos amigos que fez ao longo de sua trajetória dedicada às iniciativas do bem, propagando os ensinamentos cristãos.

Ao nosso pequeno São Francisco de Assis da terra fluminense, minha homenagem e admiração pela obra que continua realizando entre nós.

SAUDADES DO COLÉGIO BRASIL

GRACINHA REGO*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 8
Classe de Belas Artes

Associo-me, com grande prazer, às homenagens que a Academia Fluminense de Letras presta ao admirável e imortal educador João Brazil, Patrono da Cadeira nº 9 da Classe de Ciências Sociais. Foi no colégio por ele fundado, que tive a honra de frequentar, que recebi e absorvi o essencial em minha formação acadêmica, pavimentando com firme fundação o caminho que passei a seguir na jornada da vida.

Quantas lembranças... a alameda por onde fazíamos nossa caminhada diária de esperança, emoldurada de árvores centenárias, para chegar ao querido casarão (o antigo palacete do Barão de Icaraí)... os colegas que conversavam no grande pátio, aguardando a hora da entrada, a execução do hino brasileiro, com todos perfilados, a mão no peito – um estímulo ao espírito cívico tão esquecido nos dias atuais...

Quando ali cheguei, infelizmente o Professor João Brazil já tinha partido; mas sua missão tinha continuidade através das filhas e genros, que passaram a dirigir a instituição, mantendo sempre presente o espírito do fundador.

Tive o privilégio de ouvir de sua ilustre neta, minha amiga e ex-professora Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento, informações preciosas sobre o grande educador, em histórias que bem transmitem a dimensão do impacto que deixou nos corações de seus alunos.

** biografia dos autores nas págs. 58-62*

Em certa ocasião, por exemplo, quando a Professora Magnólia se encontrava em Duas Barras, interior do Estado do Rio, um senhor dela se aproximou, emocionado, pedindo licença para dar um abraço na neta de João Brazil. Era o Dr. Cláudio Monnerat, que contou como sua mãe o levara de Itaocara para estudar em Niterói, entregando-o ao grande professor com as palavras: "*Aqui lhe trago meu filho, professor, para o senhor 'desemburrar' e transformar em cidadão*". Falando com gratidão da formação recebida nos sete anos de estudos no velho colégio, do qual tinha imensa saudade, Dr. Cláudio fez questão de homenagear o velho mestre através da neta, dando-lhe de presente um banco antigo, herança de família.

Outra demonstração cara ao coração da Professora Magnólia é o que foi escrito pelo jovem ex-aluno Marcos Moraes de Sá, mais de 70 anos depois do falecimento de João Brazil – mas pleno dos sentimentos inspirados pelo ambiente escolar por ele instituído:

Colégio Brasil, poeminha noturno

Era colégio, casa, universo e portão,
tinha manga e sapoti, abio e fruta pão.
Era nobre, imperial, com lustres no salão,
escadas de cantaria e janelas com balcão.
Era rústico e simples, com um grande porão,
e para cada uso se construiu outro pavilhão.
Gente pobre, gente rica, aprendendo a lição,
para crescer há que se estudar, com imensa paixão.
Era grande e pequeno, amigo e irmão,
disciplina, seriedade, com carinho e compaixão.
Era colégio, casa, universo e portão,
tinha árvore e prédio, horta e jamelão.
Vilarejo encantado pelo amor da educação,
da zelosa família ensinando a cada geração.
Universo vasto que cabia em uma mão,
porque ali se ensinava a aprender com o coração.

O tempo corre, tudo muda. Hoje, o velho palacete do Fonseca se encontra tristemente abandonado; danificado por um incêndio há alguns anos, continua lentamente se deteriorando mais e mais. Ex-alunos reunidos já se manifestaram solicitando à Prefeitura que assuma o imóvel, restaurando-o para finalidades culturais, mantendo os propósitos do velho professor – até agora sem sucesso.

Mas permanecem as lembranças revelando os profundos sentimentos de gratidão, meus e de milhares de outros ex-alunos que conservam em seus corações a impressão indelével deixada pelo saudoso Colégio Brasil.

> *Professores não ensinam apenas; eles podem ser personalidades vitais que ajudam os jovens a amadurecer, a entender o mundo e a entender a si mesmos.*
> Charles Platt

Colégio Brasil
Fonte: Família Brasil / CDP – Centro de Documentação e Pesquisa de Niterói.

OBRAS DOS ACADÊMICOS

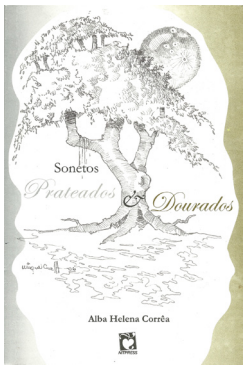
LIVROS DE POESIA – ALBA HELENA CORRÊA

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Titular da Cadeira nº 13 da Classe de Letras, a Acadêmica Alba Helena Corrêa é pedagoga formada pela Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional pela Faculdade Nacional de Filosofia e mestre em Educação pela UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora, é colaboradora do jornal *Unidade* e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói, integra, ainda, as Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas e os grupos literários Escritores ao Ar Livro e Calçadão da Cultura.

Estreando no "mundo encantado" da poesia em 1996, após encontro fortuito com o poeta Antonio Bispo dos Santos, então presidente da Academia Brasileira de Trovas, passou a colecionar premiações em concursos literários nacionais e internacionais.

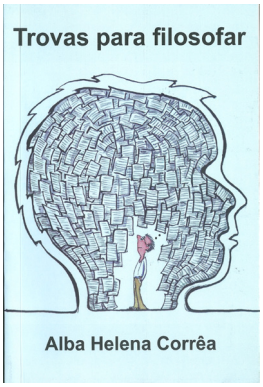
Sonetos Prateados e Dourados
Nitpress: Niterói/RJ, 2008

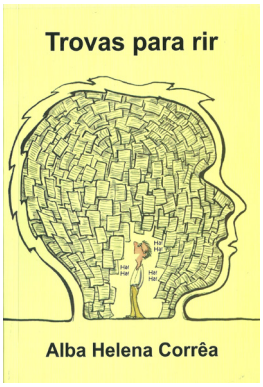


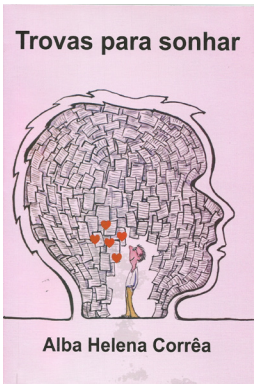
Reunião das coletâneas *Sonetos Prateados* e *Sonetos Dourados*, a obra traz na contracapa a mensagem amorosa do marido Eraldo, que não poupa elogios à autora, louvando seu sucesso em todas as missões assumidas e celebrando, em especial, o talento poético da "fiel companheira de mais de 52 anos". A edição contou com dois prefácios:

> Os magníficos poemas da poetisa Alba Helena Corrêa enfeixados em livros intitulados, modestamente, *Sonetos Prateados* e *Sonetos Dourados*, mostram tratar-se de prata e ouro do melhor quilate, da maior pureza. (...) Lendo seus versos deliciosos, somos instintivamente levados a pedir aos céus o terceiro volume de sonetos, não *Sonetos Platinados*, mas *Sonetos de Platina*, para enriquecer ainda mais a literatura feminina fluminense. (trecho do prefácio, do poeta, professor, jornalista e memorialista Luís Antonio Pimentel, 4º ocupante da Cadeira nº 46 da Classe de Letras da AFL)

> Observadora rigorosa das regras do parnasianismo, na forma, é, no entanto, uma lírica romântica nos temas escolhidos e em seu desenvolvimento (...) Qual moderno Proteu, Alba se transforma em flor, em nuvem, em alma, em coração e, por fim, transforma-se em verso. Tem uma imensa capacidade de se doar, sofrendo as dores a que assiste, transformando-se em beleza poética. (trecho do prefácio do advogado, professor, poeta e artista plástico Vilmar Abreu Lassance, antecessor da autora na Cadeira nº 13)







Trovas Para Filosofar
Bartholo Fotolito: Rio de Janeiro/RJ, 2018

Alba Helena apresenta sua coletânea de trovas filosóficas lembrando o velho ditado – "De filósofo e louco cada um tem um pouco". A Acadêmica Eneida Fortuna Barros, professora e mestra em Teoria Literária, titular da Cadeira nº 19 da Classe de Letras da AFL, destaca no prefácio a naturalidade romântica da autora:

> Pensar e escrever sobre a ordem simples do mundo, sem mudanças, são a tônica de Alba Helena, que, em suas trovas, segue sua vocação de poeta premiada, cuja obra espelha a intimidade de suas conquistas: assim ela pode compreender-se integrada no mundo que a cerca. Seus versos revelam, primordialmente, o querer escrever, deixando livre a temática da inspiração, no decorrer da intuição criadora, para poder falar sobre tudo no âmbito da existência histórica, tradicional e definida.

Trovas Para Rir
Gráfica e Editora Maia Barbosa Ltda.: Rio de Janeiro/RJ, 2019

A trovadora Maria Madalena Ferreira ressalta em seu prefácio a surpresa ao deparar-se com as mais de quinhentas trovas humorísticas criadas pela autora, acostumada que estava com o cunho lírico-filosófico que normalmente permeia seus poemas, cordéis, haicais, sonetos, crônicas e trovas. E conclui: "Fazer alguém chorar é muito mais fácil do que fazer esse alguém rir; entretanto, Alba Helena cria essas duas situações com a mesma facilidade!"

Trovas Para Sonhar
Gráfica e Editora Maia Barbosa Ltda.: Rio de Janeiro/RJ, 2019

Coletânea de trovas líricas, que segundo a própria autora são geralmente preferidas pelos vates "porque são as mais belas e, também, as mais sofridas". No prefácio, Jorge Gandra Nunes recorda personagem do romance *O Carteiro e o Poeta*, do chileno Antonio Skármeta:

> (...) Se, no entanto, o humilde Mario Jimenez tivesse conhecido Alba Helena, ele aprenderia e apreciaria as metáforas de amor e saudade, com rara facilidade. Basta lhe dar um tema e ela desenvolve uma série delas, conseguindo sintetizar, em quatro versos de sete sílabas métricas, um pensamento ou uma mensagem, envolvendo os eternos temas da natureza humana: o amor, a vida, a morte, a saudade, etc.

A Voz do Cordel Sudestino
Gráfica e Editora Maia Barbosa Ltda.: Rio de Janeiro/RJ, 2020

A autora se desculpa, citando a premência do tempo, por driblar a tradição reunindo seus cordéis em uma edição única ao invés de várias publicações individuais. Conta com a aprovação de Gonçalo Ferreira da Silva, Presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, que escreveu o prefácio, também em cordel, do qual transcrevemos as estrofes:

Ao longo da história humana,
nas diversas gerações,
dentro da latinidade,
nas mais distantes nações,
nunca se viu cordelista
com tantas premiações.

Os prêmios de Alba Helena
nos concursos nacionais
somam cerca de seiscentos
e com os internacionais
trovas, sonetos, cordéis,
se acrescentam muitos mais...

(...)

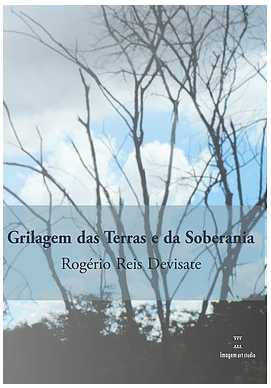
Mais de sessenta Cordéis
são filhos da inspiração
de ALBA, a mais luminosa
da nossa constelação:
a prova é este volume
que se encontra em sua mão!

RESENHAS
ROGÉRIO REIS DEVISATE

COMISSÃO DE REDAÇÃO

Advogado, defensor público e palestrante, o Acadêmico Rogério Devisate circula o país para lançar o seu romance *Diamantes no Sertão Garimpeiro* (2019) e para difundir os seus estudos sobre o fenômeno da grilagem de terras públicas (inclusive no IV Congresso Internacional de Direito Amazônico e no III Congresso Brasileiro de Direito Agrário), sobre o qual escreveu artigos e os livros *Grilagem das Terras e da Soberania* (2017) e *Grilos e Gafanhotos: Grilagem e Poder* (2016). Titular da Cadeira nº 40 da Classe de Letras da AFL, é também membro da Academia Brasileira de Letras Agrárias e da União Brasileira de Escritores.

Grilagem das Terras e da Soberania

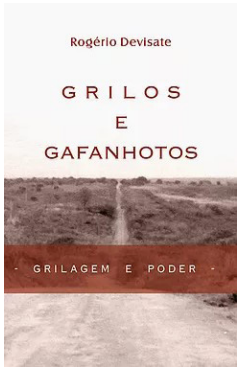


A obra analisa a história política e a legislação aplicável sobre terras, nos vários momentos da vida nacional, do Descobrimento ao vigente Código Civil. Para tanto, enfrenta o regime das Sesmarias e a Lei de Terras de 1850, o sistema de registro de imóveis e o tratamento dos seus vícios e nulidades, o cancelamento administrativo da Lei 6739/79, a aquisição de imóveis rurais por estrangeiros, a Ação Discriminatória de Devolutas e o Usucapião Tabular. Também aborda a cobiça estrangeira sobre as nossas riquezas e terras e como a soberania nacional é corrida pela Grilagem, tão

difundida.

Decorrente de cerca de 20 (vinte) anos de pesquisas, o estudo se apoia na jurisprudência e em documentos coligidos em processos judiciais, cartórios e CPIs do Congresso Nacional, além de contar com vasta bibliografia e mais de 800 notas de rodapé, distribuídas ao longo das suas 412 páginas.

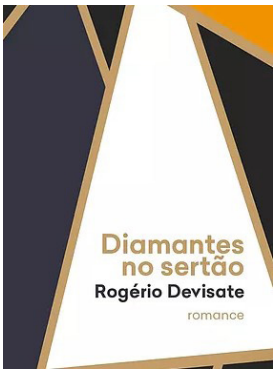
Grilos e Gafanhotos: Grilagem e Poder



A grilagem de terras não é só a imagem dos documentos envelhecidos em caixas com insetos, os grilos. Sua realidade envolve crimes de falsidade de documentos e o seu uso para a tomada de terra pública.

Climatizada dos fins dos anos cinquenta até os anos noventa do século passado, a estória ficcional se confunde com fatos da vida nacional, de Getúlio a 1964 e a Ditadura Militar. Realidade e ficção, misturados com farsa, sangue, tiros, escrituras e registros em cartório, seca, cerrado, sertão, solidão, água e a sua falta, o Rio São Francisco, medo, dor, morte e vida.

Diamantes no Sertão Garimpeiro



O conceito prévio, em face da atividade do jurista, obscurece atividades diversas das ciências sociais, para além do campo sociológico, antropológico, histórico... literário.

Presente com mais fervor naqueles que exercem suas atividades à beira do "caldeirão social" como o defensor público, em permanente contato com o débil econômico no contexto da sociedade.

O romance Diamantes no Sertão Garimpeiro, estruturado em 41capítulos sobre 122 páginas, escrito por um jurista, o defensor público Rogério Reis Devisate, reflete sensibilidade do ser humano inquieto com as mazelas sociais da contemporaneidade, atento aos elementos históricos e geográficos dessa realidade, marcantes na formação da personalidade da pessoa humana.

O "Silêncio. Calor." contextualizando tempo e espaço, faz lembrar os filmes em dinâmica permanente, em roteiro sem respirar. Escrito em prosa na forma quase linear, traz estilo poético como "perfume de terra molhada, quase adocicado de tão gostoso", mais poesia em Severiano conhecer o mar, quando "sente o frescor do vento úmido em seu rosto". Utiliza rima singular "... preciosos líquidos fornecidos pelo umbuzeiro e pelo mandacaru, enquanto no horizonte os seus olhos procuravam os buritizeiros...".

A crônica machadiana está presente na "cidade de Lençóis", em "Seu Tué" e a moral da cidade, em "Seu Candinho", no "Alfonsinho" e na vida de jagunço, na "Casa de Rico" do "Coronel Ciprião" e nas "moradias simples", nas "cafetinas poderosas" e a vida em suas casas no garimpo, na atividade do mascate no sertão garimpeiro. (...)

Atento às temáticas contemporâneas, o romancista aborda os efeitos da garimpagem, com desmatamento, causando sérios danos ambientais.

O forte elemento histórico que permeia o romance, delimitado no sertão que tornou-se a Chapada Diamantina no final do século XIX, pode ser encontrado com "os ventos republicanos que lhe sopraram a sólida Monarquia" ou sobre o espaço fundiário brasileiro com o "modo precário de se demarcar terras" ou sobre a seca nordestina de 1878 e a migração para a Amazônia ou sobre Capitanias Hereditárias ou sobre o "massacre de Canudos". (...)

Religião e fé, lendas e superstições, com padres, benzedeiras e beatos, destacando o "Padim Ciço", estão presentes. A mensagem do "bem é universal" seria o toque filosófico através do "Seu Candinho". (...)

O Autor transcende a trama da vida no garimpo, para brindar o leitor com o coronelismo e seus jagunços no sertão de diamantes da República Velha.

Terra dos Cabanos (Belém do Pará), julho de 2019

Gursen De Miranda – Desembargador

Presidente da Academia Brasileira de Letras Agrárias

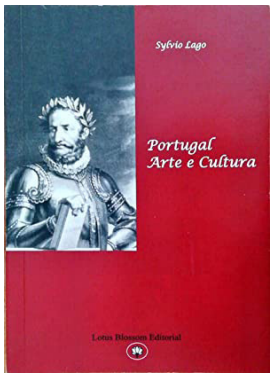
Livros são os portadores da civilização. Sem os livros a história silencia, a literatura emudece, a ciência fica aleijada e o pensamento se paralisa. Livros são motores da mudança, janelas para o mundo, faróis erguidos no mar do tempo.

Barbara W. Tuchman

SYLVIO LAGO: A TERRITORIALIDADE DO INTELECTUAL COMPROMISSADO COM A LÍNGUA, A LITERATURA E A CULTURA

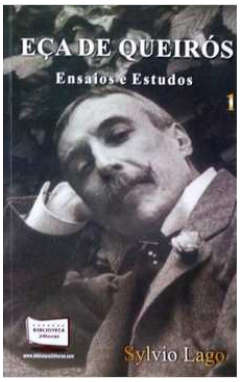
MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA*
Acadêmica Titular da Cadeira nº 6
Classe de Letras

"Escrever é estabelecer um contrato com o tempo. É marcar e se fazer notar". As palavras de Hélène Cixous ilustram e reiteram o valor das obras de Sylvio Lago, ensaísta, historiador da cultura, crítico literário e musicólogo – Acadêmico Titular da Cadeira nº 10 da Classe de Ciências Sociais, que tem como Patrono José Bonifácio.



Marcas de seus escritos assemelham-se a tatuagens textuais, que permanecem/ permanecerão incrustadas na memória de seus leitores. Pesquisador, escritor que entroniza no mesmo espaço cultural a consciência histórica e a criação literária, como em seu livro *Portugal Arte e Cultura,* que apresenta um "corpus" de textos, ampliadores de pontes socioculturais, onde se configuram discursos históricos, culturais, poéticos e outros. Produto do amálgama do intelectual, que assume no ato de escrever o compromisso com a língua pátria, com a literatura, com a história e com a cultura.

Na referida obra dividida em seis partes: Livro I- *A Língua* Portuguesa; Livro II- *A Literatura*; Livro III- *A Música Erudita*; Livro IV- *A Música Popular*; Livro V- *A Pintura*; e Livro VI- *A Arquitetura*, encontra-se um precioso tesouro, enraizado na cultura portuguesa, das suas origens à contemporaneidade. A leitura de *Portugal Arte e Cultura* leva-nos a uma significativa viagem, conduzida pelo narrador, crítico literário e das artes, que reacende a chama da cultura portuguesa, dá-lhe um novo brilho, pelo viés não só do historiador comprometido com a verdade histórica, mas também com a do intelectual humanista, envolvido com os valores da civilização lusíada. Por isso, metaforicamente, em cada parada do percurso há uma surpresa agradável – um livro para ser apreciado. Magnífico passeio nas páginas tão bem elaboradas pelo autor de fino estilo.



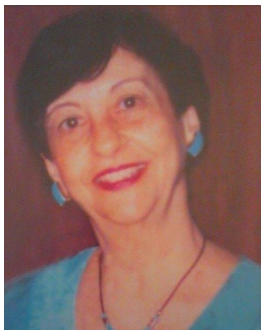
Estudioso incansável de obras de expoentes da literatura, em especial da Literatura Portuguesa, destacamos *Eça de Queirós – Atualidade e Permanência*. Nota-se, assim, a profundidade da pesquisa do autor, redimensionando a obra de Eça de Queirós em suas múltiplas facetas. E ao listar, na parte 5 do referido livro, 26 nomes em *Os Intérpretes Brasileiros de Eça de Queirós*, creio ser imprescindível a inclusão na lista do nome de Sylvio Lago, pois há muito vem se dedicando aos estudos queirosianos, com rigor e devoção. Nesse sentido, vale citar as palavras da escritora Agustina Bessa Luís, transcritas por Sylvio: "quem, como eu, se interessou vivamente por um autor, não pode evitar a sua sombra". E ele é um paradigma dessa assertiva, ao dizer que "este é o caso de quem se identifica com um escritor por laços que se alicerçam no sentimento e por valores estéticos e culturais que participam diretamente de sua vida".

Vários cenários cognitivos e de saberes artísticos diversos compõem o acervo de Sylvio. Assim, além de estudos específicos sobre língua, literatura etc., sempre alimentou paixão pela música e publicou livros sobre o tema. Destaco *Música Erudita Brasileira – Gêneros e Formas*, edição revista e ampliada/2020.

E Sylvio Lago, cada vez mais amadurecido no pensar e no sentir, chega aos 80 anos, continuando a produzir, a escrever com esmero e amor seus ensaios, suas críticas literárias, suas análises e percepções sobre as Artes. Deixa suas marcas no tempo pela escrita e se fez e se faz notar. Lembro-me então da célebre frase "Grande é a Vida" título do livro do pai, Dr. Sylvio Lago, de quem o filho herdou promissoras qualidades. É consabido, segundo Derrida, que "a herança é uma tarefa, é uma operação existencial produtiva e constitutiva no e pelo tempo". E Sylvio Lago, na plenitude do seu viver intenso e com o legado de sua extensa produção, sobressai no universo intelectual. Digno de reconhecimento e aplausos. Parafraseando Camões, que ele continue espalhando por toda parte seu engenho e arte.

* *biografia dos autores nas págs. 58-62*

AUTORES DESTE NÚMERO

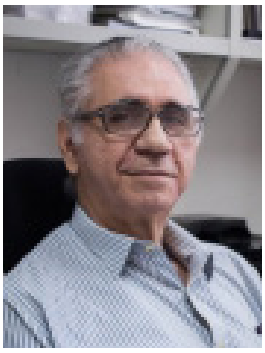


ALBA HELENA CORRÊA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 13
Classe de Letras

Pedagoga – Faculdade Fluminense de Filosofia, pós-graduada em Orientação Educacional – Faculdade Nacional de Filosofia. Mestre em Educação – UFF. Trovadora, sonetista, cordelista, haicaísta, cronista, contista, biógrafa, ensaísta e declamadora diplomada. Colaboradora do jornal Unidade e da Universidade Aberta da Terceira Idade. Membro das Academias Brasileiras de Literatura de Cordel e de Trovas, e membro correspondente das Academias Itaperunense de Letras e Cachoeirense de Letras. Vice-presidente da União Brasileira de Trovadores / Seção Niterói. Integrante dos Escritores ao Ar Livro e do Calçadão da Cultura.

CARLOS TORTELLY RODRIGUES DA COSTA
In Memoriam
Acadêmico Titular da
Classe de Ciências

Médico Obstetra (UFRJ) – "A Cegonha de Niterói". Presidiu a Academia de Medicina/RJ, a Associação Médica Fluminense, o CREMERJ, o SOS Niterói; foi vice-presidente da Associação Fluminense de Reabilitação. Membro da Academia Niteroiense de Letras, da Sociedade Brasileira de Escritores Médicos, honorário da Academia Brasileira de Medicina Militar. Cofundador da Universidade Aberta da Terceira Idade. Autor de diversos artigos e trabalhos médicos, poemas e trovas publicados em periódicos e antologias, além de: *Biografia do Professor Fernando Magalhães*; *Da Previdência Social no Brasil*; *Vida e morte de Tereza de Calcutá*; *O mar é meu encanto* e *O beija-flor e a rosa*. Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM). Homenageado em unidades médicas e acadêmicas, como o Hospital Municipal Carlos Tortelly (Niterói).



CRESUS VINICIUS DEPES DE GOUVEA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 11
Classe de Ciências

Graduação em Odontologia, mestrado e doutorado pela UFF, onde fundou o Diretório Acadêmico Agripino Ether. Passando a professor titular, fundou a Associação dos Ex-Alunos da Faculdade de Odontologia, o Serviço Odontológico do Departamento de Assistência Social, o Centro de Estudos, a Emergência Odontológica do HUAP e o Laboratório de Biotecnologia Aplicada. Coordenou programas do mestrado e doutorado (UFF e CAPES). Dirigiu a Faculdade de Odontologia por seis anos. Foi membro do Conselho Universitário e dos Comitês da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e de Pesquisa da PROPPI-UFF. Fundou revistas e participou de eventos e associações científicos (ARCOSUL/MERCOSUL e Paris, França). Atualmente é pró-reitor de Extensão.

ENEIDA FORTUNA BARROS
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 19
Classe de Letras

Vice-presidente da AFL 2014-2016 e 2016-2018. Livre-docente em Teoria Literária, UFF. Mestrado em Teoria Literária, UFRJ. Formada em Línguas Neolatinas, UERJ. Professora de Teoria Literária da UFF, até aposentar-se; e da FANELT/Associação Plínio Leite. Chefe do Departamento de Literatura (1975) e membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF. Autora da tese *A escrita em processo*; da dissertação *Literalidade/Literariedade: reflexão sobre a tentativa de ultrapassagem do texto metafísico*; do trabalho de pesquisa intitulado *Dimensões do texto*; do livro *Registros de memória: momentos da prática acadêmica*; e de artigos em jornais e revistas literárias.

CÉLIO ERTHAL ROCHA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 27
Classe de Letras

Jornalista,escritor, advogado e defensor público aposentado. Formou-se na Faculdade de Direito da UFF. Foi apresentador do *Grande Jornal Fluminense*, transmitido pelas Rádios *Tamoio* e *Jornal do Brasil*; repórter do jornal *O Fluminense*, no qual chefiou o Departamento de Relações Públicas; assessor de Comunicação Social do Governo do Estado do Rio de Janeiro e assessor da Procuradoria Geral de Justiça. Exerceu o mandato de deputado estadual. Autor de artigos, crônicas e dos livros: *Jornalismo, política e outras paragens* e *Um olhar sobre o Ministério Público Fluminense*.

A palavra é o instrumento irresistível da conquista da liberdade.
Rui Barbosa

GRACINHA REGO
(Maria das Graças de Azevedo Rego)
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 8
Classe de Belas Artes

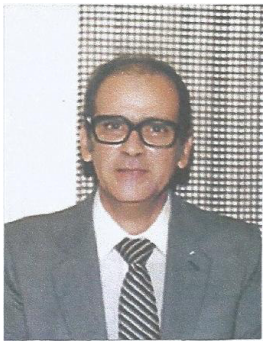
Pedagoga, declamadora poetisa, , fez aulas de Canto Lírico. Diplomada em Arte de Dizer – Curso Olavo Bilac, dirigido por Maria Sabina, após estudar no Curso Maria Sabina, como aluna da declamadora Neide Barros Rêgo. Autora e intérprete premiada, fez parte de dezenas de recitais de poesia. Figura em várias antologias, inclusive em *Água Escondida*, organizada por Neide, com quem em 2003 organizou, também, a antologia poética *Girassóis para Neusa*. Faz parte do Grupo Nuance, de Arte de Dizer. Membro do Ateneu Angrense de Letras e Artes e da Associação Niteroiense de Escritores.

JOTA CARINO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 20
Classe de Letras

Professor, escritor e poeta. Graduado em Sociologia pela UFF; mestrado pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas; doutorado em Filosofia da Educação pela UFRJ. Professor adjunto aposentado da UERJ. Na área da Literatura e da Poesia, publicou: *Olhando a cidade e outros olhares* (2004), crônicas; *Fios tênues*; e *Eu, a crônica e Poesia... porque sim*. Tem, ainda, extensa produção divulgada na Internet, especialmente crônicas, além de contos e poesias. Premiado com o 1º lugar na categoria Crônicas no Concurso Literário da AFL 2018. Dedica-se, ainda, a atividades de fotografia, desenho, canto em serestas e culinária. Realiza pesquisas sobre música popular brasileira.

LUIZ CARLOS DE ALBUQUERQUE SANTOS
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 38
Classe de Letras

Oficial da Marinha; professor. Exerceu o magistério na Universidade Federal Fluminense, Escola Naval, Escola Superior de Guerra, Colégio Interamericano de Defesa (Washington, EUA), entre outros. Autor de oito romances e dois livros de poesia. Destacam-se: *O futuro do passado* (romance premiado no Concurso Nacional da Secretaria de Cultura do Paraná, 1994); *A sombra colorida; No inverno, talvez...; As cunhadas; A transparência velada; Encontro de paralelas;* e *A saga de Valquíria*. Ordem do Mérito Naval, Ordem do Mérito das Forças Armadas e Medalha da Junta Interamericana de Defesa.



LYAD DE ALMEIDA
In Memoriam
3º Ocupante da
Cadeira nº 9
Classe de Letras

Advogado, juiz do Trabalho, professor da Escola de Serviço Social da UFF, membro do Conselho Universitário, diretor do antigo Departamento de Cultura (hoje Fundação de Artes de Niterói). Presidiu a Academia Fluminense de Letras e a Associação dos Magistrados da Justiça do Trabalho da 1ª Região; integrou a Academia Niteroiense de Letras e a União Brasileira de Trovadores. Escritor, dramaturgo e poeta, autor de: *Horas de Deus e de Satã*; *Poesia Síntese*; *Muito pelo Contrário...* ; *Tankas e Haicais Selecionados*; *Haicais (Antologia)*; *Mais Uma Vez Haicais*; *37 Poetas Fluminenses*; entre outros. Coautor de *Academia Niteroiense de Letras*, com Horácio Pacheco.

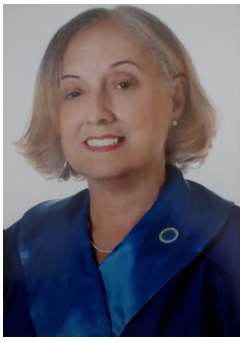
Livros não são amontoados de papel sem vida, mas mentes vivas nas prateleiras.
Gilbert Highet

MÁRCIA MARIA DE JESUS PESSANHA
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 6
Classe de Letras

Formada em Letras Português/Francês, mestrado e doutorado em Literatura pela UFF. Primeira mulher a presidir as Academias Guanabarina e Niteroiense de Letras e o Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autora de: *Borboletrando* e *Fatias do viver*; *Casimiro de Abreu: o poeta das Primaveras; Interfaces da cotidianidade no romance Léonora; Quarto de despejo de Carolina de Jesus; A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagens negros; Conceitos de Literatura e Cultura; O Memorialismo Epistolar* e vários outros.

MARIA DA CONCEIÇÃO PIRES DE MELLO – MANITA
In Memoriam
4ª Ocupante da Cadeira
nº 2
Classe de Letras

Professora, educadora social, artista plástica, poetisa e declamadora. Foi membro das Academias Niteroiense e Teresopolitana de Letras; do Cenáculo Fluminense de História e Letras; da União Brasileira de Trovadores; do Elos Clube de Niterói; do Grupo Mônaco de Cultura e do Clube de Literatura Cromos. Poetisa e trovadora premiada em dezenas de concursos literários, tendo alcançado o 1º lugar nas categorias de poemas e de sonetos na XII Grande Festa do Mar, pela Câmara Municipal de Moçâmedes, Angola. Publicou: *Retalhos de Minha Vida*, *Degraus do Sonho*, *Meu Amor, Meu Infinito*, *Louvados*, *Trovas de Manita*. Participou ainda de várias antologias, inclusive *Água Escondida*, coordenada pela Acadêmica Neide Barros Rêgo.



MARIA DO CARMO SOARES CORDEIRO
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 9
Classe de Letras

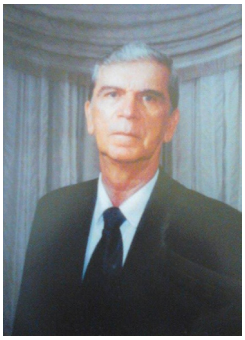
Bibliotecária, professora, escritora e poetisa. Bacharel em Biblioteconomia e Documentação, UFF. Trabalhou na Biblioteca Pública Estadual de Niterói. Organizou o acervo da Casa da Cultura e respondeu pelo Departamento de Cultura de Rio Bonito. Publicou *Como foi que um rio bonito transformou-se numa cidade sorriso; Jardim de sonhos; Duque de Caxias, 22: o endereço da felicidade; Como somos: o rio-bonitense tal qual ele é; Ao pé da serra: um paraíso* (colaboração). Compôs a Oração de Graças pelo Centenário da Academia Fluminense de Letras.

MATILDE CARONE SLAIBI CONTI
Acadêmica Titular da
Cadeira nº 5
Classe de Ciências Sociais

Cirurgiã-dentista, Universidade Federal Juiz de Fora. Especialização Saúde Coletiva, Escola de Saúde Pública. Advogada militante, formada em Direito, Universidade Cândido Mendes. Doutora e pós-doutora em Ciências Jurídicas e Sociais, UMSA, Buenos Aires. Professora titular de Direito da Universidade Salgado de Oliveira. Professora de pós-graduação, Universidades Estácio de Sá, Plínio Leite, Salgado de Oliveira; e professora conferencista das Escolas de Magistratura RJ e Federal. Psicanalista, Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, e especialista em Psicossomática, UFF. Bacharel e licenciada em História. Especialização em Artes Plásticas, Universidade La Salle, com exposições em vários países.

RENATO DE LACERDA
In Memoriam
3º Ocupante da Cadeira nº 46
Classe de Letras

Farmacêutico, romancista, biógrafo, trovador, poeta, espiritualista. Fundador do jornal *Letras Fluminenses*. Membro da Academia Niteroiense de Letras, da Associação Brasileira de Escritores / Seção Fluminense, da União Brasileira de Trovadores, do Cenáculo Fluminense de História e Letras. Autor de livros didáticos, romances, biografias, coletâneas de poesias e de trovas, entre eles – *Um Poeta Singular: B Lopes*, *Perfis Poéticos* (em que retrata em prosa e verso figuras de nosso mundo intelectual e social), *Ciganas do meu verão*, *Líricos: Versos*, *Meu Rimário* (trovas), *Síntese Histórica de Niterói* (editada pelo IBGE), *Conferência pela Comemoração do Centenário de Morte de Almeida Garrett* (publicado pela Colônia Portuguesa de Niterói). É verbete da Enciclopédia de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho.



SANDRO REBEL
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 47
Classe de Letras

Procurador do Estado aposentado, exerceu cargos de secretário estadual de Administração e de Educação. Trabalhou nos jornais *O Fluminense* e *Opção*. Publicou os livros: *Geografia do Estado do Rio de Janeiro*, *Arco-íris*, *Subsídios para a história de um calçadão*, *Verdes e maduros*, *Lampejos*, *Contos de outros tempos*, *Dois tempos*, *Minidicionário anticonvencional*, *Dez andamentos da trova*, *Dez andamentos do haicai*, *Cronicontando* e *Cronicontando 2*. Membro correspondente da Academia Campista, honorário da Itaocarense e efetivo da Niteroiense de Letras. Membro da Associação Niteroiense de Escritores; Grupo Mônaco de Cultura (Intelectual do Ano 2014); movimento Escritores ao Ar Livro; e União Brasileira de Trovadores. Diversas trovas premiadas em concursos em todo o país.

SYLVIO LAGO
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 10
Classe de Ciências Sociais

Jurista e consultor; pós-graduação ENA (Paris, França). Ensaísta, musicólogo, historiador e crítico literário. Membro titular da Academia Brasileira de Arte. Ex-presidente da Sociedade Eça de Queirós de Cultura Luso-Brasileira. Ex-secretário-geral do PEN Clube do Brasil. Editor da Florestan, criador e gestor das editoras Florestan e Lotus Blossom. Autor de 30 livros, entre eles: *Eça de Queirós: ensaios e estudos*; *Eça de Queirós: atualidade e permanência*; *Contrastes e convergências: estudos de literatura comparada*; *Ensaios europeus*; *Arte, ciência e poder*; *O claro e o obscuro: ensaios morais*; *Arte do piano: compositores e intérpretes*; *Arte da regência: história, técnica e maestros*; *A música barroca: estudos de musicologia histórica e interpretativa*; *Música erudita brasileira: gêneros e formas*; *Wolfgang Amadeus Mozart: as chaves do reino*; *Ludwig Van Beethoven*. Escreveu diversos estudos sobre a estética do jazz.

WALDENIR DE BRAGANÇA
Acadêmico Titular da
Cadeira nº 29
Classe de Letras

Médico, professor, advogado, jornalista. Foi secretário municipal de Saúde, deputado estadual e prefeito de Niterói. Preside a Academia Fluminense de Letras, a Universidade Aberta da Terceira Idade e a UBT-Niterói. Presidiu a Federação Brasileira de Academias de Medicina e a Academia Brasileira Rotária de Letras. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Autor dos livros *Terceiridade e Marketing Social: relevância e resultados;* das publicações *Origem do ensino médico no Brasil em 1808 e panorama atual das escolas médicas, O direito do idoso e a realidade, O Brasil na Organização Mundial de Saúde e Direito Médico – Direito Médico-Social.* Coautor da obra *Aborto e o direito à vida* (Prêmio Genival Londres/ANM).

Academia Fluminense de Letras
Foto: Antonio Schumacher
Fonte: Niterói em fatos e fotos

NOMINATA

CLASSE DE LETRAS

CADEIRA 01
Patrono: Alberto Silva
Fundador: Salomão Cruz
Ocupantes: Hélio Nogueira, Élio Monnerat Solon de Pontes
Membro atual: Alexandre Gazé (Alexandre Gazé Filho)

CADEIRA 02
Patrono: Alberto de Oliveira
Fundador: Antônio Lamego
Ocupantes: Phocion Serpa, Walfrido Faria, Maria da Conceição Pires de Melo
Membro atual: Waldeck Carneiro (Waldeck Carneiro da Silva)

CADEIRA 03
Patrono: Alberto Torres
Fundador: Carlos Maul
Ocupantes: Luiz Magalhães
Membro atual: José Raymundo Martins Romeo

CADEIRA 04
Patrono: Alcindo Guanabara
Fundador: Alceste Fróes
Ocupantes: Alfredo Cumplido de Sant'Ana, Enéas Marzano
Membro atual: Luiz Felizardo Barroso

CADEIRA 05
Patrono: Andrade Figueira
Fundador: Henrique Castrioto
Ocupantes: Abel Sauerbronn de Azevedo Magalhães, Edmo Rodrigues Lutterbach
Membro atual: Franci Machado Darigo

CADEIRA 06
Patrono: Antônio Aguiar
Fundador: Jônatas Botelho
Ocupantes: Ramon Alonso, Mario Ritter Nunes
Membro atual: Márcia Pessanha (Márcia Maria de Jesus Pessanha)

CADEIRA 07
Patrono: Azeredo Coutinho (Bispo)
Fundador: Olímpio de Castro
Ocupantes: Arnaldo Nunes, Antônio Carlos da Rocha Villaça
Membro atual: Marcus Antônio de Souza Faver

CADEIRA 08
Patrono: Azevedo Cruz
Fundador: Homero Pinho
Ocupantes: Jacy Pacheco, Paulo Campos, Herval de Souza Tavares, Waldir Pinto de Carvalho
Membro atual: Eduardo Antônio Klausner

CADEIRA 09
Patrono: B. Lopes
Fundador: Olavo Bastos
Ocupantes: Maurício de Lacerda, Lyad de Almeida, Leir de Souza Moraes
Membro atual: Maria do Carmo Cordeiro

CADEIRA 10
Patrono: Belisário Augusto
Fundador: Epaminondas de Carvalho
Ocupantes: Paulino Neto, José Antônio Soares de Souza, Hilton Massa
Membro atual: Lúcia Romeu (Lúcia Maria Barbosa Romeu)

CADEIRA 11
Patrono: Benjamin Constant
Fundador: Ricardo Barbosa
Ocupantes: Oscar Fontenelle, Dayl de Almeida, Etacyr Guimarães de Campos
Membro atual: Fernando Gama (Fernando Gama de Miranda Netto)

CADEIRA 12
Patrono: Carlos de Lacerda
Fundador: Tomé Guimarães
Ocupantes: Geraldo Montedônio Bezerra de Menezes
Membro atual: Cleber Francisco Alves

CADEIRA 13
Patrono: Casimiro de Abreu
Fundador: Altino Pires
Ocupantes: Vilmar de Abreu Lassance
Membro atual: Alba Helena Corrêa

CADEIRA 14
Patrono: Castro Menezes
Fundador: Creso Braga
Ocupantes: Marcos Almir Madeira
Membro atual: João Batista Thomaz

CADEIRA 15
Patrono: Duque de Caxias
Fundador: Soares Filho
Ocupantes: Oswaldo Paixão, Henrique Glória Serpa Pinto
Membro atual: Mirian Paura Sabrosa Zippin Grinspun

CADEIRA 16
Patrono: Euclides da Cunha
Fundador: Cortes Junior
Ocupantes: Vasconcelos Torres
Membro atual: Cybelle Moreira de Ipanema

CADEIRA 17
Patrono: Ezequiel Freire
Fundador: Manuel Duarte
Ocupantes: Elói Pontes, Mário Newton Filho, José Newton de Almeida Baptista Pereira (Arcebispo)
Membro atual: Cláudia Cataldi

CADEIRA 18
Patrono: Fagundes Varela
Fundador: Emílio Kemp
Ocupantes: Luiz Reid
Membro atual: Luiz Carlos Silva Lessa

CADEIRA 19
Patrono: Felisberto de Carvalho
Fundador: Quaresma Júnior

Ocupantes: Agenor de Roure, L.F. Carpenter, Albertina Fortuna
Membro atual: Eneida Fortuna Barros

CADEIRA 20
Patrono: Firmino Silva
Fundador: Eugênio Cordeiro
Membro atual: Jota Carino (Jonaedson Carino)

CADEIRA 21
Patrono: Francisco de Lemos (Bispo)
Fundador: Serpa Pinto
Ocupantes: Ismael de Lima Coutinho, Maria Alice Barroso
Membro atual: Elídio Robaina (Monsenhor)

CADEIRA 22
Patrono: Guilherme Briggs
Fundador: Edmundo March
Ocupantes: Sylvio Figueiredo, Mário Duarte Monteiro
Membro atual: Maximiano de Carvalho e Silva

CADEIRA 23
Patrono: Joaquim Manuel de Macedo
Fundador: Armando Negreiros
Ocupantes: Leopoldo Teixeira Leite Filho, Xavier Placer, Hélio Alonso
Membro atual: Peterson Barroso Simão

CADEIRA 24
Patrono: José do Patrocínio
Fundador: Levi Fernandes Carneiro
Membro atual: Tarcísio Meireles Padilha

CADEIRA 25
Patrono: Júlio Maria (Padre)
Fundador: J. Demorais
Ocupantes: Nelson Rangel, Newton Perissé Duarte, Lourenço Luiz Lacombe
Membro atual: Roberto dos Santos Almeida

CADEIRA 26
Patrono: Lúcio de Mendonça
Fundador: Ildefonso Falcão
Membro atual: Sávio Soares de Sousa

CADEIRA 27
Patrono: Luiz Pistarini
Fundador: Gomes Leite
Ocupantes: Alberto Lamego, Alberto Torres
Membro atual: Erthal Rocha (Célio Erthal Rocha)

CADEIRA 28
Patrono: Macedo Soares (Conselheiro)
Fundador: Júlio Salusse
Ocupantes: Toledo Piza, Romeu Silva, Lourival Ribeiro
Membro atual: Maria Beltrão (Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão)

CADEIRA 29
Patrono: Manuel Carneiro
Fundador: Múcio Paixão
Ocupantes: Teófilo Guimarães, Hamilton Nogueira
Membro atual: Waldenir de Bragança

CADEIRA 30
Patrono: Martins Teixeira
Fundador: Alfredo Rangel
Ocupantes: Luiz Lamego, Amélia Tomás, Vera de Vives
Membro atual: Leslie Aloan (Leslie de Albuquerque Aloan)

CADEIRA 31
Patrono: Paulo da Silva Araújo
Fundador: Castro Menezes
Ocupantes: J.E. da Silva Araújo, Francisco Pimentel, Raul de Oliveira Rodrigues
Membro atual: Cláudio Tadeu Daniel-Ribeiro

CADEIRA 32
Patrono: Pedro Luiz
Fundador: Belisário de Souza
Ocupantes: Kleber de Sá Carvalho, Emmanuel de Macedo Soares
Membro atual: Vaga

CADEIRA 33
Patrono: Pedro II
Fundador: Alberto Fortes
Ocupantes: Magalhães Gomes, Dulcydides de Toledo Piza
Membro atual: Wainer da Silveira e Silva

CADEIRA 34
Patrono: Pereira da Silva (Conselheiro)
Fundador: Honório Silvestre
Ocupantes: Thiers Martins Moreira, Celso Kelly, Walter Di Biase
Membro atual: Regina Coeli Vieira da Silveira e Silva

CADEIRA 35
Patrono: Quintino Bocaiúva
Fundador: Horácio Campos
Ocupantes: Nelson Rebel, Artur de Almeida Torres
Membro atual: Fátima Cunha Ferreira Pinto

CADEIRA 36
Patrono: Raja Gabaglia
Fundador: Henrique de Araújo
Ocupantes: Everardo Backheuser, Brigido Tinoco, Waldyr Jansen de Mello
Membro atual: Vaga

CADEIRA 37
Patrono: Raul Pompeia
Fundador: Adelino Magalhães
Ocupantes: Alípio Mendes, Luiz Calheiros Cruz
Membro atual: Marcelo Câmara (Marcelo Nóbrega da Câmara Torres)

CADEIRA 38
Patrono: Saldanha da Gama
Fundador: Lacerda Nogueira
Ocupantes: Godofredo Tinoco, Ayrton Pinto Ribeiro, Alberto Valle
Membro atual: Luiz de Albuquerque (Luiz Carlos de Albuquerque Santos)

CADEIRA 39
Patrono: Salvador de Mendonça
Fundador: Sena Campos
Ocupantes: Henrique Lagden, Valfredo Martins, José Geraldo Pires de Mello
Membro atual: Flávio Chame Barreto

CADEIRA 40
Patrono: Silva Jardim
Fundador: Olavo Guerra
Ocupantes: Mauricio de Medeiros, João Rodrigues de Oliveira, José Alfredo de Andrade
Membro atual: Rogério Devisate

CADEIRA 41
Patrono: Silva Marques
Fundador: Eurípedes Ribeiro
Membro atual: Marco Lucchesi (Marco Americo Lucchesi)

CADEIRA 42
Patrono: Soares de Souza Júnior
Fundador: Martins Teixeira Júnior
Ocupantes: Alberto Ribeiro Lamego, Togo de Barros
Membro atual: Sara Rifer (Jussara Ribeiro de Souza Ferreira)

CADEIRA 43
Patrono: Teixeira de Melo
Fundador: Ernesto Paixão
Ocupantes: Arthur Nunes da Silva, Heitor Gurgel, José Inaldo Alves Alonso
Membro atual: Vaga

CADEIRA 44
Patrono: Teixeira e Souza
Fundador: Osório Dutra
Ocupantes: José Cândido de Carvalho, Hervê Salgado Rodrigues, Milton Nunes Loureiro
Membro atual: Marcello Cerqueira (Marcello Augusto Diniz Cerqueira)

CADEIRA 45
Patrono: Visconde de Araguaia
Fundador: Joaquim Peixoto
Ocupantes: Prado Kelly, Alaor Eduardo Scisínio, Kleber Leite (Sebastião Kleber da Rocha Leite)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 46
Patrono: Visconde de Beaurepaire Rohan
Fundador: Antônio Figueira de Almeida
Ocupantes: Alves Cerqueira, Renato de Lacerda, Luis Antônio Pimentel
Membro atual: Andréa Caldas (Andréa Christina Silva Panaro Caldas)

CADEIRA 47
Patrono: Visconde de Itaboraí
Fundador: Oliveira Viana (Francisco José de Oliveira Viana)
Ocupantes: Sabóia Lima, Alcydes Machado Gonçalves, Angelo Longo
Membro atual: Sandro Pereira Rebel

CADEIRA 48
Patrono: Visconde de Sepetiba
Fundador: Melquíades Picanço
Ocupantes: Macário Picanço, Aloysio Tavares Picanço
Membro atual: Lúcio Picanço Facci

CADEIRA 49
Patrono: Feliciano Sodré
Fundador: José Mauro Haddad

CADEIRA 50
Patrono: Ary Parreiras (Almirante)
Fundador: Alexandre Chini (Alexandre Chini Neto)

CLASSE DE BELAS ARTES

CADEIRA 01
Patrono: Acácia Brazil de Mello
Fundador: Dalka Azevedo (Dalka Lima Coutinho de Azevedo)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 02
Patrono: Affonso Gonçalves Reis
Fundador: Maestro Bernardo (José Bernardo de Souza)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 03
Patrono: Alcyr Pires Vermelho
Fundador: Deila Scharra (Deila Maria Ferreira Scharra)

CADEIRA 04
Patrono: Chiquinha Gonzaga
Fundador: Lúcia Motta (Lúcia Regina Antunes da Motta)

CADEIRA 05
Patrono: Francisco Mignone
Fundador: Leda Mendes Jorge (Leda Mendes Jorge Aidar)

CADEIRA 06
Patrono: Israel Pedrosa
Fundador: Robert Preis

CADEIRA 07
Patrono: Jayme Moreira de Luna
Fundador: Antônio Machado (Antônio Alberto Carvalho Machado)

CADEIRA 08
Patrono: Leopoldo Fróes
Fundador: Veronica Debellian Accetta
Membro atual: Gracinha Rego (Maria das Graças Alves de Azevedo Rego)

CADEIRA 09
Patrono: Lourenço Fernandes
Fundador: Magda Belloti (Magda Telles Loureiro Belloti)

CADEIRA 10
Patrono: Margarida Lopes de Almeida
Fundador: Maria Aparecida Barreto da Silva

CADEIRA 11
Patrono: Maria Sabina
Fundador: Neide Barros Rêgo

CADEIRA 12
Patrono: Noel Rosa
Fundador: Myrtis Ruschel Bergamaschi de Leoni Ramos

CADEIRA 13
Patrono: Raimunda Viana
Fundador: Maria de Carvalho Mendes

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Vianna
Fundador: Marly Prates (Marly Soares Prates Lima)
Membro atual: Vaga

CADEIRA 15
Patrono: Villa-Lobos
Fundador: Therezinha de Maria Carvalho Pinto

CLASSE DE CIÊNCIAS

CADEIRA 01
Patrono: Américo Braga
Fundador: Aristeu Pessanha (Aristeu Pessanha Gonçalves)

CADEIRA 02
Patrono: Aurora de Afonso Costa
Membro atual: Vaga

CADEIRA 03
Patrono: Carlos Chagas
Fundador: Luiz Augusto de Freitas Pinheiro

CADEIRA 04
Patrono: Emilia de Jesus Ferrreiro
Membro atual: Vaga

CADEIRA 05
Patrono: João da Silva Vizella
Fundador: Alcir Chácar (Alcir Vicente Visela Chácar)

CADEIRA 06
Patrono: Marcolino Candau
Fundador: Wanderley Francisconi Mendes
Membro atual: Vaga

CADEIRA 07
Patrono: Otílio Machado
Fundador: Salvador Borges Filho

CADEIRA 08
Patrono: Oswaldo Cruz
Fundador: Demócrito Jonathas de Azevedo

CADEIRA 09
Patrono: Osvaldo Monteiro de Carvalho
Fundador: Alcides Pissinatti

CADEIRA 10
Patrono: Paulo Pimentel
Fundador: Cláudio Chaves (Cláudio do Carmo Chaves)

CADEIRA 11
Patrono: Roched Seba
Fundador: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

CADEIRA 12
Patrono: Rodolpho Albino
Membro atual: Vaga

CADEIRA 13
Patrono: Romero Cunha
Fundador: Guilherme Eurico Bastos Cunha
Membro atual: Vaga

CADEIRA 14
Patrono: Silvio Pires de Mello
Fundador: Luiz Rogério Pires de Mello

CADEIRA 15
Patrono: Vital Brazil
Fundador: Antônio Werneck (Antônio Joaquim Werneck de Castro)

CLASSE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CADEIRA 01
Patrono: José de Anchieta (Padre)
Fundador: Carlos Wehrs

CADEIRA 02
Patrono: Darcy Ribeiro
Fundador: Luiz Augusto Erthal

CADEIRA 03
Patrono: João VI
Fundador: Francisco Tomasco de Albuquerque

CADEIRA 04
Patrono: Durval de Almeida Baptista Pereira
Fundador: Aidyl de Carvalho Preis

CADEIRA 05
Patrono: Emilio do Carmo
Fundador: Matilde Carone Slaibi Conti

CADEIRA 06
Patrono: Francisco Alves
Fundador: Aníbal Bragança (Aníbal Francisco Alves Bragança)

CADEIRA 07
Patrono: Hipólito José da Costa
Fundador: Mário Sousa (Mário José Fernandes Rodrigues de Sousa)

CADEIRA 08
Patrono: Jalmir Gonçalves da Fonte
Fundador: Nagib Slaibi Filho

CADEIRA 09
Patrono: João Brasil
Fundador: Clélio Erthal

CADEIRA 10
Patrono: José Bonifácio da Silva
Fundador: Sylvio Lago Jr. (Sylvio Pereira Lago Júnior)

CADEIRA 11
Patrono: José Clemente Pereira
Fundador: José Alves Pinheiro Júnior

CADEIRA 12
Patrono: Nina Rita Torres
Fundador: Haroldo Zager (Haroldo Zager Faria Tinoco)

CADEIRA 13
Patrono: Princesa Izabel
Fundador: Antônio Izaías da Costa Abreu

CADEIRA 14
Patrono: Teixeira de Freitas
Fundador: Edson Alvisi (Edson Alvisi Neves)

CADEIRA 15
Patrono: Violeta Campofiorito Saldanha da Gama
Fundador: Andréa Ladislau (Andréa Antônia Ladislau)

MEMBROS HONORÁRIOS

01 - Domício Proença Filho
02 - Pietro Novellino
03 - Roberto de Souza Salles

Detalhe da fachada do prédio da Academia Fluminense de Letras e Biblioteca Pública Municipal, na Praça da República, 7, Centro de Niterói (projeto do arquiteto Pedro Campofiorito, parte integrante do conjunto arquitetônico da Praça da República)
Foto: Acadêmico Antônio Machado

PARCERIA:

PREFEITURA
DE NITERÓI

SECRETARIA
DAS CULTURAS

FUNDAÇÃO
DE ARTE

www.academiafluminensedeletras.com.br